

CADERNOS

PROARQ 43

ENTREVISTA

INTERVIEW WITH MARGARETH DA SILVA PEREIRA, BY RUTE FIGUEIREDO AND PRISCILLA ALVES PEIXOTO

Thinking **THROUGH NEBULAE**, the places of language

Pensar POR NEBULOSAS, os lugares da linguagem

Pensando A TRAVÉS DE LAS NEBULOSAS, los lugares del lenguaje

Margareth A. C. da Silva Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-UFRJ (1978), graduação em Urbanismo pela Université de Paris VIII (1979), Diploma de especialização em Estudos Urbanos (1984) e doutorado (1988) pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Em 2004, realizou seu pós-doutorado no Institut d'Urbanisme de Paris (IUP), na EHESS e no Centre for Urban History da University of Leicester. Foi professora convidada do Instituto de Artes da UFRGS (1990), do Institut Français d'Urbanisme (2002), do Centre de Géographie Urbaine da EHESS (2003), do IUP (2003), da Universidad Nacional de Colombia (2003), do Centre Maurice Halbwachs da EHESS (2018) e do Programa de Pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFBA (2020). É autora de livros, capítulos de livros, artigos e exposições nas áreas dos estudos culturais, principalmente nos campos da Arte, da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo, tendo como foco, sobretudo, no Rio de Janeiro.

Architect and Urbanist from FAU-UFRJ (1978), graduated in Urbanism from Université de Paris VIII (1979), “Diplôme d’Études Approfondies en Études Urbaines” (1984) and PhD (1988) from École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Post-doctoral studies (2004) at the Institut d’Urbanisme de Paris (IUP), at EHESS, and at the Centre for Urban History of the University of Leicester. Visiting Professor at Institute of Arts of UFRGS (1990), Institut Français d’Urbanisme (2002), Centre de géographie urbaine of EHESS (2003), IUP (2003), Universidad Nacional de Colombia (2003), Centre Maurice Halbwachs of EHESS (2018) and Post-graduate Program in Architecture and Urbanism at UFBA (2020). She is the author of books, book chapters, articles and exhibitions in the area of cultural studies, especially in the fields of art, architecture, urbanism and landscape architecture, with focus on Rio de Janeiro. She has been conducting analyses on historiographic discourses on the Brazilian cultural field in these areas.

Licenciada en Arquitectura y Urbanismo por la FAU-UFRJ (1978), licenciada en Urbanismo por la Universidad de París VIII (1979), Diploma de Especialización en Estudios Urbanos (1984) y Doctorado (1988) por l’École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). En 2004, completó sus estudios postdoctorales en el Institut d’Urbanisme de Paris (IUP), en la EHESS y en el Centro de Historia Urbana de la Universidad de Leicester. Fue profesora invitada en el Instituto de Artes de la UFRGS (1990),

en el Institut Français d'Urbanisme (2002), en el Centre de Géographie Urbaine de la EHESS (2003), en el IUP (2003), en la Universidad Nacional de Colombia (2003), en el Centro Maurice Halbwachs de la EHESS (2018) y el Programa de Postgrado en Arquitectura y Urbanismo de la UFBA (2020). Es autora de libros, capítulos de libros, artículos y exposiciones en las áreas de estudios culturales, principalmente en los campos de Arte, Arquitectura, Urbanismo y Paisajismo, centrándose, sobre todo, en Río de Janeiro.

Rute Figueiredo

Escola Superior Artística do Porto E Universidade Autónoma de Lisboa

Arquiteta pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL) e mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É Doutora em História e Teoria da Arquitetura pelo Institut für Geschichte und Theorie der Architektur, Eidgenössische Technische Hochschule Zürich (GTA-ETH Zurich) e foi investigadora de pós-doutoramento na Université Rennes 2. Atualmente, é investigadora integrada no Centro de Estudos Arnaldo Araújo/Escola Superior Artística do Porto, onde lidera a linha de investigação "Common Places" [Lugares Comuns]. É, ainda, docente na Universidade Autónoma de Lisboa e responsável pela unidade curricular de doutoramento "Práticas Curatoriais".

Architect graduated from the Faculty of Architecture of Universidade de Lisboa (FAUL) and Master in History of Art from the Faculty of Social and Human Sciences of Universidade Nova de Lisboa (NOVA). She is Doctor of Philosophy in History and Theory of Architecture from Institut für Geschichte und Theorie der Architektur, Eidgenössische Technische Hochschule Zürich (GTA-ETH Zurich) and was a Postdoctoral Research Fellow at Université Rennes 2. Currently, she is an integrated researcher at Centro de Estudos Arnaldo Araújo/ Escola Superior Artística do Porto, where she is heading the research line "Common Places". She is also a Lecturer at Universidade Autónoma de Lisboa and responsible for the Doctoral curricular unit "Curatorial Practices".

Arquitecta por la Facultad de Arquitectura de la Universidad de Lisboa (FAUL) y Máster en Historia del Arte por la Facultad de Ciencias Sociales y Humanas de la Nueva Universidad de Lisboa. Tiene un doctorado en Historia y Teoría de la Arquitectura por el Institut für Geschichte und Theorie der Architektur, Eidgenössische Technische Hochschule Zürich (GTA-ETH Zurich) y fue

investigadora postdoctoral en la Université Rennes 2. Actualmente es investigadora integrada en el Centro de Estudios Arnaldo Araújo /Escola Superior Artística do Porto, donde lidera la línea de investigación “Lugares Comunes” [Lugares comunes]. También es profesora de la Universidad Autónoma de Lisboa y responsable de la unidad curricular de doctorado “Prácticas Curatoriales”.

Priscilla Alves Peixoto

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Arquiteta e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ, 2007); especialista em História da Arte e da Arquitetura no Brasil pela PUC- Rio de Janeiro (2012); mestre e doutora em Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Urbanismo, da FAU-UFRJ (2013; 2018). Fez estágio doutoral na École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Belleville (2016) e foi professora convidada na Université Rennes 2 (2022). Atua como docente do Departamento de História e Teoria da FAU-UFRJ (2018) e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da mesma instituição (PROARQ-FAU-UFRJ, 2021).

Architect and urbanist from the School of Architecture and Urbanism of Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ, 2007); specialist in History of Art and Architecture in Brazil from the Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 2012); Master of Sciences (2013) and Doctor of Philosophy (2018) in Urbanism from the Post-graduate Programme in Urbanism of FAU-UFRJ. Doctoral internship at École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Belleville (2016) and Visiting Professor at Université Rennes 2 (2022). Professor of the Department of History and Theory at FAU-UFRJ (2018) and of the Postgraduate Programme in Architecture of the same institution (PROARQ-FAU-UFRJ, 2021).

Arquitecta y urbanista de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Río de Janeiro (FAU-UFRJ, 2007); especialista en Historia del Arte y la Arquitectura de Brasil por la PUC-Rio de Janeiro (2012); maestría y doctorado en Urbanismo del Programa de Posgrado en Urbanismo, de la FAU-UFRJ (2013; 2018). Realizó un programa doctoral en la École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Belleville (2016) y fue profesora invitada en la Université Rennes 2 (2022). Trabaja como docente en el Departamento de Historia y Teoría de la FAU-UFRJ (2018) y en el Programa de Posgrado en Arquitectura de la misma institución (PROARQ-FAU-UFRJ, 2021).

Resumo

Entrevista concedida por Margareth da Silva Pereira a Rute Figueiredo e a Priscilla Peixoto, na qual apresenta sua abordagem teórica da história, o “pensar por nebulosas”. A fim de compartilhar especificidades deste modo de operação historiográfica, a entrevistada traz para a conversa algumas de suas leituras. Perpassa autores de diferentes perfis como o historiador de arte Hubert Damisch, o sociólogo Christian Topalov, o historiador Ruggiero Romano e os filósofos Fernando Gil e Hans Blumenberg. Trata-se de textos e autores que a auxiliaram na reflexão sobre a historicidade dos vocabulários. Assim, ao enfrentar a linguagem em suas situações culturais específicas – tanto epistemológicas, quanto ontológicas, Margareth da Silva Pereira dialoga e, por vezes, desloca noções caras aos estudos transculturais na atualidade, tais como, as noções de “zonas de contato” de Mary Louise Pratt (1991), “campo” de Pierre Bourdieu (1993), “network society” de Manuel Castells (2004) e “ator-rede” de Bruno Latour (2005; 2012). Por fim, concluindo seu depoimento, aborda as “nebulosas” de críticos de arquitetura que atuaram no pós-guerra e chama atenção para as diferentes maneiras como a crítica da arquitetura foi praticada.

Abstract

Interview given by Margareth da Silva Pereira to Rute Figueiredo and Priscilla Peixoto, in which she presents her theoretical approach to history - ‘thinking through nebulae’. In this interview, the interviewee elucidates the specificities of this mode of historiographical operation, drawing upon her own readings to contribute to the discussion. Indeed, a variety of authors of different profiles are mentioned, including art historian Hubert Damisch, sociologist Christian Topalov, historian Ruggiero Romano and philosophers Fernando Gil and Hans Blumenberg. These authors’ texts have provided support to her reflections on the historicity of vocabularies. Thus, when facing language in its specific cultural situations – both epistemologically and ontologically, Margareth da Silva Pereira engages in a dialogue with and at times shifts important notions in current transcultural studies, such as “contact zone” in Mary Louise Pratt (1991), “field” in Pierre Bourdieu (1993), “network society” in Manuel Castells (2004) and “actor-network” in Bruno Latour (2005; 2012). Finally, she turns her attention to the “clouds” of architectural critics who were active in the post-war period, highlighting the different ways in which architectural criticism was practised.

Resumen

Entrevista concedida por Margareth da Silva Pereira a Rute Figueiredo y a Priscilla Peixoto, en la cual presenta su enfoque teórico de la historia, el “pensar por nebulosas”. Para compartir especificidades de este modo de operación historiográfica, la entrevistada introduce en la conversación algunas de sus lecturas. Abarca autores de diferentes perfiles como el historiador de arte Hubert Damisch, el sociólogo Christian Topalov, el historiador Ruggiero Romano y los filósofos Fernando Gil y Hans Blumenberg. Se trata de textos y autores que la ayudaron en la reflexión sobre la historicidad de los vocabularios. Así, al enfrentar el lenguaje en sus situaciones culturales específicas – tanto epistemológicas como ontológicas, Margareth da Silva Pereira dialoga y, a veces, desplaza nociones importantes para los estudios transculturales en la actualidad, tales como las nociones de “zonas de contacto” de Mary Louise Pratt (1991), de “campo” de Pierre Bourdieu (1993), de “sociedad en red” de Manuel Castells (2004) y de “actor-red” de Bruno Latour (2005; 2012). Finalmente, concluyendo su testimonio, Margareth aborda las “nebulosas” de críticos de arquitectura que actuaron en la posguerra y llama la atención sobre las diferentes maneras en que se practicó la crítica de arquitectura.

Interview

Priscilla Peixoto: The invitation to this interview was motivated by the theoretical-methodological contribution that your notion of nebula¹ brings to the theme "Transatlantic Dialogues".² The metaphor of nebula interests us as an image of thought, in your own words:

[...] to evoke these vaporous forms that aggregate to constitute themselves, in a dense mode in some zones, fluid and frayed in others, consolidating or diluting from the interaction of some of them with others or frankly in a situation of isolation. However, if we look at these configurations even closer, their forms display several layers more or less ethereal, with their spots of concentration or fraying (Pereira, 2014, p. 202 – free translation).

When approaching historiographic research, you present this synthesis:

Thus, any critical exercise on the theme requires exploring layers of actors and voices active in the cultural field and research moving in a more or less interlinked or frankly independent way, according to the observed configurations. To be more precise, it is necessary not to forget that spots of concentration or fraying of these clouds practise history in various tones, which result from cultural constructions that are organized in different temporalities and change differently through time (Pereira, 2014, p. 202 – free translation).

Therefore, the invitation seeks to help us get closer to the study of social actors who shape and practice architecture criticism, drawing attention to the relationships they have established among them, as well as helping to problematize the different temporalities that traverse their relations.

However, we are conscious that the notion of nebula was not created specifically in the domain of architectural criticism studies, but our interest here is the historicity of language acts, thus inherent to any critical operation. We brought this notion to the discussion, considering that your research is not far from the issues to be debated when we frame the history of architectural criticism, since we do not approach it as a specialised knowledge. On the contrary, we sought to frame it as an epistemological, reflective state, about the practices of judgement in architecture, i.e., as a manner of reacting and thinking, a knowledge historically situated.

Rute Figueiredo [RF]: Priscilla Peixoto has introduced some of the issues that interest us, particularly in the scope of the transnational dialogues, namely the concept of nebula – "a thinking in movement", in Pereira's words. In effect, I took the three volumes of the series "Nebulosas do Pensamento Urbanístico" [Nebulae of Urbanistic Thought] (Pereira; Jacques, 2018, 2019; Pereira et al., 2020) – unfolded in modes of thinking, making and narrating – as a starting point and methodological base for the

¹ According to Margareth da Silva Pereira (2022, p. 261 – Free translation): "Nebula. 1. Cloud. By extension [...], collective of clouds, considering them to be various condensations of mists of gases gathered in compact groups or mere sparse and isolated trails that are perceived by contrast and relationship. 2. Layers of any ether, gas or vapour characterised by their movement. 3 In a figurative sense, it designates a configuration known as a form but that is transitory. 4. Transient, moving form of thought and knowledge. The definitions of the word "nebula" as a collective noun, that is, as a term that designates a singular that is plural, are not found as such in any dictionary. They support an epistemic attitude and a theoretical-methodological way of thinking that are inseparable from an understanding of ways of being. They are not an applicable theoretical model, but a way of thinking about thinking and knowing"

² This interview was conducted via video call on June 2, 2022. On the occasion, Priscilla Peixoto was in Rio de Janeiro, Rute Figueiredo was in Lisbon, and Margareth da Silva Pereira was in Salvador. In the following months, the interview was transcribed by Luiza Appolinário, Camille Oliveira and Natália Abdala, and revised by Silvia Maciel Sávio Chataignier, Rute Figueiredo, Priscilla Peixoto and Rio Books. Translated from Portuguese to English by Annabella Blyth.

elaboration of this interview. The aim is to create "a pause to reflect on concepts, themes, methods, questions and debates that traverse the founding practices of cities' forms, both built and immaterial, starting with those by historians and all who operate on the urban, between their memories, stories and their possibilities of becoming" (Pereira et al., 2020, p. 11 – free translation). We would like to start by better understanding how this "pause to reflect" came about. What concerns, challenges, or questions – either from the methodological or conceptual viewpoints – were at the root of your work on the notion of *nebula*?

Margareth da Silva Pereira [MSP]: I wonder if it will be possible to answer it all, because the questions you pose are immense and each one evokes a certain line of thought. The notion of nebula – actually, I prefer to use notion instead of concept – is constructed in a very slow process. In fact, a process that aimed at displacing the very sense attributed to the word concept. The origin of the notion of nebula has a first guiding thread dating back to over 35 years. It started when I was writing my doctoral thesis³ and studied the modernization of Rio de Janeiro in the early twentieth century, associating it and comparing with Baron Haussmann's works in Paris, fifty years earlier. I was living in France, where I spent five years dedicated to this study. I had already written two or three chapters of my thesis, when I returned to Rio de Janeiro to conclude some research and, seeing the city in loco, I immediately realised my mistake. "Oh God, it is all wrong!" – I said to myself. I tore all the chapters I had written and decided to restart. Why? Because the problem is that the Haussmann's Paris, as a built materiality, was entirely there, it remained. In other words, in Paris, I went outside my house and could walk on the Boulevard Saint Germain, on the Boulevard Saint Michel, and the city was there. In Rio de Janeiro, on the contrary, I could walk on the axis of the former Avenida Central – the most important axis of the city reforms at the turn of the century – but there was nothing left of Pereira Passos' works and, especially, of Lauro Muller. The buildings of the time, which I knew from books and photographs, no longer existed! This was how I realised that I was faced with a very serious historical and historiographical problem. After all, how do we think history in Brazil? What is the meaning we attribute to this word? What importance do we attribute to the past?

Thus, I started to be concerned about what, later, with Reinhart Koselleck and François Hartog, became known as historicity of concepts and regimes of historicity. Let's say that, following other historians, who, at the same time, were trying to give more density to the reflection on the historiographic operation – works like those by Michel de Certeau and Jacques Le Goff –, which we call epistemological shift, I sought to understand why, in some societies, the city's physical and built form remains and why in other societies this is considered "unimportant". Would it be true, what was often read and said, at that time, that Brazilians had no history? I was particularly shocked when an Italian researcher said during a visit to Brasília (almost as Bruno Zevi did, many years before): "I do not understand these cities without history". This was the key moment when I started to question myself about the way I was constructing my thesis: without reflecting on what I was doing, in the sense that it was a historiographic operation. What did it mean and what stability did the concept of history have? How was the word "history" confounded with a certain idea of past? How had it been thought of in other cultures?

From then on, for me, it was no longer possible to consider any notion (of architecture, history, city) without previously asking: Who are the actors? Who is speaking? Which is the system that legitimates or withdraws legitimacy of what is said? Certain views that became hegemonic, how are they construed?

³ Margareth da Silva Pereira developed her doctoral thesis *Rio de Janeiro, l'éphémère et la pérennité: histoire de la ville au XIXe siècle* [Rio de Janeiro, the ephemeral and the perennial: history of the city in the 19th century], under the supervision of Marcel Roncayolo, at École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), in Paris (France), between 1984 and 1988.

I started, effectively, to observe a number of historiographic debates that were emerging in the 1980s. I wrote my thesis between 1983 and 1988. The act of taring the chapters occurred between the end of 1987 and early 1988. I said to myself: "I cannot make silent the way how we think history, architecture, urbanism and the city. I cannot disregard these issues. Are they universal issues? Could we say that a French person, a Portuguese person and a Brazilian person – if we adopt a national framing, because in the beginning I adopted it (only in the beginning) – may think history in the same way? And, consequently, would they think of the past in the same way? And would they think about time in the same way?" These three questions, which are apparently simple – think of history, past and time –, continued to be, for me, an object of great dedication, during many years. Until, finally, I understood that they should be dissociated. I needed to fray the nebula.

RF: What authors and readings have you engaged with during the period of the researching, constructing and using the notion of nebula? What studies have you undertaken, in which this notion has become central or operative?

MSP: Firstly, the idea of nebula draws on the historiographic operation, which I just referred to, and the clash with research objects that led me to a reflection on the historicity of practices, the density of practices and the need to pay more attention to the actors. On this issue, it was also the reading of Bernard Lepetit (1995) that helped me, in a provocation that he introduced in a text written shortly before his death, in which he questioned how much historians were attentive to actors and if these were taken seriously.⁴ Slowly, I discovered that we did not respect the actors on the scene – Who is speaking? Where? With whom and to whom are they speaking? What is the sense attributed to what is being said? Which conflicts exist at a given moment? How do some superimpose others? – It was drawing on these questions that the idea of constellation arose; these layers of significance, nexus, confrontation and conflicts that, inevitably, traverses all types of practice. In other words, the attention to nebulae was born before I actually enunciated them, when I was not conscious of this notion yet. Anyhow, they were born from this movement, from reflecting on concepts and, therefore, from the need that we – as teachers, researchers, intellectual field – should perceive ourselves as being in a field of conflict and, yet, practising the effort of possible consensus. Not to pacify them, but to show the effort that is necessary to, vaguely, be able to understand each other. Otherwise, if not even language, in its broadest sense, we are able to practice, let alone practice criticism.

However, I only started to truly think about the notion of nebula after writing the review of the book *Laboratoires du nouveau siècle: la nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France (1880-1914)* [Laboratories of a new century] (Topalov, 1999), written by the French intellectual, sociologist Christian Topalov, whom I admire and with whom I have worked. He worked for a long time with Bernard Lepetit, at the École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). At the time of the review, I was studying the concepts of history, architecture, urbanism and the city in relation to the "Haussmannization", and Topalov developed another beautiful project about the words of the city,⁵ in partnership with Jean-Charles Depaule and Hélène Rivière d'Arc, respectively anthropologist and geographer. *Les mots de la ville* [The words of the city] was a project that took over 20 years to obtain its first results; in the beginning, the certainty of the stability of concepts was such, that those involved in the project were not able to understand that there could have been a time when the words had been invented, that the meanings had been invented. It was, in fact, very

⁴ The text mentioned by Margareth Pereira is "L'histoire prend-t-elle les acteurs au sérieux?" (Lepetit, 1995).

⁵ Programme of the French National Centre for Scientific Research (CNRS) – UNESCO with the title *Les mots de la ville*, developed between 1995 and 2010. See Ivo (2020).

difficult for the researchers to understand that the word "city", which we use with such freedom, could have so many distinct meanings. For example, when we speak about Paris, the Parisians do not say *la cité*, but rather *la ville*. Is *ville* the "city"? Up to what point is this word "city"? Why do they use *ville* and not *cité*? And why do we [in the Portuguese language] say "*cidade do Porto*" [the city of Porto] and "*cidade do Rio de Janeiro*" [the city of Rio de Janeiro]? What happened, at a certain moment in the sixteenth century, in the implementation of the city of Rio de Janeiro, or what happened in the Portuguese culture that led to the use of these concepts? Why do we say in Brazil "*câmara*" [council] and not "*concelho*" [council] as in Portugal? Why do we say in Brazil "*vila operária*" [worker's village] and the French say *cité ouvrière* [worker's village]? Why have the English forgotten that commons mean, in fact, communes and, therefore, "with the same rights and duties"? Many think that the word commons come from the Celtic culture, as I have had the opportunity to discuss, in the 2000s, with an English historian. He had forgotten about the Roman and the Norman occupations. Truly, no word has a stability of meaning. For this reason, words are not neutral, and the meanings they keep (or the meanings they displace) must be objects of criticism. Furthermore, the words and their meanings must be objects of a reflective history about themselves. A history that, until the 1960s, did no longer ask about itself, was separated from criticism. In the same way that a criticism without history was practised. However, from that decade onwards, it became impossible to think about criticism without its historicity and, therefore, without inquiring about the vocabulary being mobilised.

RF: In the study "Laboratoires du nouveau siècle [...]" (1999), to which you referred earlier, Christian Topalov seems to make a distinction between nebula and network. How would you define these notions and in which way are they redundant, tangent or complementary? Up to what point does the notion of nebula add value (plasticity) to the conceptions already developed, for instance, in the field of sociology, by Manuel Castells (2004, 2010), around the idea of network society, or Pierre Bourdieu, in the notion of "field" as a symbolic space of legitimization, representation and, therefore, struggles between agents?

MSP: The concept of nebula comes from this idea that constellations are traversed by blows, traversed by winds. They are formed and deformed. It is a difficult configuration to capture, not only because there exists, as Shakespeare would say, numerous possible forms of clouds, which conform sets of clouds and, therefore, constellations, but also because they are transient. Thus, it is necessary that, when we make what is called a theoretical framework – i.e., when we establish a field of observation on any theoretical object –, we do not forget the movement of these layers (as clouds) of meanings.

It was, indeed, when I wrote the review of the book *Laboratoires du nouveau siècle [...]* (1999), in which Topalov dissertated on the intellectual nebula, the reforming nebulas in France, from 1880 to 1914, that I started to think beyond the notion of network. Gradually, I understood that nebulae derive, precisely, from a critical reflection on the extreme rigidity of fixed positions that structure a network. The nebula enables us to elect or "frame" (we will use this expression) a field of observation, thus a certain configuration, up to a point, precise. However, the configurations require an increased attention, since they are unstable, are "moving" – as I like to say. In fact, at that time, Topalov questioned the relation actor/network, because when he studied the social "reformers" of Paris and certain associations that supported their claims, he realised that their members performed in different positions in the social field, and, at times, one single individual occupied, concomitantly, positions in different networks, configuring "fields" of convergent actions, but also of tension and conflicts. For us, Brazilians, this was an extremely interesting concept for the reflection on the

cities, because often we easily refer to a given viewpoint as a "European thought", as a totality, as if Europe were a homogenous mass, without scissions, secessions, infighting.

For example, we (and I include a certain Luso heritage, a Luso-Brazilian "us"), in the case of urbanization and the first moment of colonization of Brazil, established a "fixed" form of city. However, the native peoples of Brazil are hegemonically nomads. Presently, there are cities being discovered in the Amazon, in Manaus and in Bolivia. Settlements, villages, dating from before the sixteenth century, with a strong degree of investment on being perennial in their built form. However, in the coastal area, in general, the process is the opposite: first, cities were built, whose materiality arrived before the political practice, the daily practice. Thus, a movement occurred from top to bottom, and the architectural construction of the city precedes that of politics, the social as a whole. It is important to think, effectively, about this materiality and the problems it evokes, as I realized later on. Perhaps, because of my professional occupation (or a deviation of my occupation), I felt the need to anchor and situate the nebulae of social movements, worked by Christian Topalov – nebulae of individuals, working for the promotion of education, public assistance etc. –, on the idea of city. These individuals were in specific places. They were in a specific Paris. Here I return to the word "network", because it still helps, in some cases, to clarify the argument. For example, the Rotary Club's network.⁶ Portugal has a Rotary Club; Brazil has a Rotary Club; France has a Rotary Club; the United States invented the Rotary Club; Chicago invented the Rotary Club; Arequipa has a Rotary Club; Angola has a Rotary Club. In all these countries, i.e., in many of their cities, one can find a Rotary Club and its gearwheel as symbol. This network calls itself differently in each place. As a Brazilian, I started by questioning: did the institution of reformers that Christian Topalov was analysing in France – the Social Museum – try to exist in Brazil? Why is the Social Museum a strong and successful institution in Argentina, but not in Brazil? Why is the Rotary Club successful in a large part of Latin America, and it is not known in France?

The nebulae are constituted not only of individuals who move from one place to another, but also of actors who act from certain points. In other words, one can move from Lisbon to Porto, or, as in my case, from Rio de Janeiro to São Paulo, but this action is more or less situated within a certain intellectual environment. For this reason, I started to explore the notion of nebula beyond social movements, expanding the field of analysis to cultural movements, to movements of an aesthetic nature, situated in different geographies and with distinct densities. This idea gained depth thanks to the experience with the project *Les mots de la ville*, which Christian Topalov had implemented and from which I realised that the nebulae mobilised groups of individuals (with social, urban, cultural affinities, among others), forming imprecise configurations, but that somehow enabled to have an intuition of its contours. I also realised that they mobilised worldviews, languages and ethical and aesthetical vocabularies. When I started to "take the social actors seriously", I could observe new dimensions that, nonetheless, emerged from the very practices of these actors.⁷

⁶ In this passage, Margareth da Silva Pereira mentions her works on the Rotary Club's network, among which the following publications can be highlighted: "Localistas e Cosmopolitas: a Rede do Rotary Club Internacional e os primórdios do Urbanismo no Brasil (1905-1935)" (Pereira, 2011); "Construir cidades, construir homens, construir lugares sociais: Associativismo e urbanismo (1905-1935)" (Pereira, 2016); "Chicago e o caso do Rotary Club" (Pereira, 2016); "Localistas e Cosmopolitas: a Rede do Rotary Club Internacional e os primórdios do Urbanismo no Brasil (1905-1935)" (Pereira, 2009); "Internacionais e Localistas: o Rotary Club e as maneiras de pensar o urbanismo no Brasil (1905-1935)" (Pereira, 2007).

⁷ Here it is worth mentioning Pereira's partnership with the project *Les mots de la ville*, which consolidated in some publications and entries, such as: *A aventura das palavras da cidade através dos tempos, das línguas e das sociedades* (Pereira et al., 2014); *Jardim* (Pereira, 2010a); *Município* (Pereira, 2010b); *Subúrbio* (Pereira, 2010c); *Le temps des mots: le lexique de la segregation à São Paulo dans les discours de ses réformateurs. 1890-1930* (Pereira, 2002).

RF: How did this notion start to be applied to your studies on the history of the city? And, ultimately, what is effectively a nebula within the urbanistic thought?

MSP: When you ask me what a nebula is and how is it applied, one must say that it is neither an applicable concept, nor a method. It is, above all, an intellectual attitude. Actually, it is an invitation to an intellectual attitude. Firstly, it is the acceptance of the mobility that I mentioned before, this move; secondly, the recognition that as researchers we are always making choices and provoking certain silencing. Naturally, because it is not possible to speak about everything, remember everything, or write about everything. We write about what somehow affects us, we experience or observe. It is important to understand the operation we make when working with history and memory: we analyse, precisely, what has survived and affected us, in the quality of sensible intelligence; we bring this experience to the foreground, hence constituting it as a theoretical object.

Gradually, I realised that in the historiographic reflection on our urbanistic culture, the concepts were so abstract that one did not reach the notion of neighbourhood, the notion of street. However, I intended precisely to understand since when in Brazil we started to use the word "rua" [street], "alameda" [avenue], etc. For example, how did the expression "Rua Direita" [straight street] enter the vocabulary? Since when? When did we start having the words "boulevard", "alameda" and "avenida" [avenue]? What was the meaning given to these terms? Since when did one use the words "estrada" [road] and "rodovia" [highway]? How were these circulation "axes" (let us say it like this) introduced in our language? But not only... This was not a dictionary work; it included the social use of the word – as Christian Topalov insisted on reminding us. This was about social life, cultural life and their respective vocabularies.

There was, however, a second stage, which I owe to other authors. When reading Reinhart Koselleck, the attention became even more focused on the historicity of concepts and words. It is very useful to someone who makes and unmakes nebulae or starts to accept the invitations to study the action of individuals in their different temporalities. Interpreting them, drawing on their own rhythms and enunciates, respecting them. I say respecting them because what we see most is the authoritarianism, which we fight against in politics, often reproduced in our own texts. If we seek to respect the sources, we must allow the questions to emerge from them. A great help in this other stage, was the work of the Portuguese philosopher and essayist Fernando Gil.

Fernando Gil lived in France for many years, married a French woman, and was a professor and researcher at EHESS (Paris, France). With the Italian historian Ruggiero Romano, Fernando Gil made the "Encyclopédia Einaudi" (Gil, 1985), which only you, the Portuguese and the Italians, could understand. Perhaps, because you are not in the countries that created the "Encyclopédie" (in French), you could be insurgent, subversive. The "Encyclopédia Einaudi" was produced by an Italian publisher and printed by the Imprensa Nacional-Casa da Moeda [National Press-Mint House], in Portugal.

These two authors – Fernando Gil and Ruggiero Romano – helped me to understand that words, concepts, or rather, notions (a term that helps us to remember that thought and the knowledge that we make from it are always moving) are not constituted in an autonomous way, which seems to be the case when they are organised in alphabetic sequence. One could say that the cultural use of words was made evident in a very strong manner. Many French authors contributed to the construction of this encyclopaedia, but (as incredible as it may seem) it has never been translated into French, although some isolated texts have been. In Gil and Romano's encyclopaedia, a notion is linked to another through the associated ideas that unite them, showing

the production of meaning as a construction of nexus that become closer or sustain one another, ideologically or as figures of thought. In the encyclopaedia, a word does not exist in isolation; the authors work the network of words that is sustaining a certain worldview. This finding has led me to affirm that now – when there is so much talking of “decolonisation”, epistemologies South-South, new epistemologies, other epistemologies – we will change, first of all, part of our vocabulary, because another way of thinking often requires a new vocabulary.

In the project *Les mots de la ville*, by Christian Topalov, for 20 years I witnessed the difficulty that we ourselves had to establish a conversation between English, French, Brazilian and Spanish researchers. Many researchers gave up this project, because it was not linear. We had to construct the interpretation bottom-up, learn how to find the sources. This is why we started to study the dictionaries. For example, until I succeeded in explaining at the counter of the National Library that I did not want the latest edition of a certain dictionary, on the contrary, I would like to read all the different editions, it was very difficult. Because the attendants did not think that dictionaries could be a research source.

Christian Topalov called attention to the social use of words, but the two other authors (Gil and Romano) helped me to think about the cultural use of words (which is not the same). The latter helped me to think, in an even clearer way, that words function in networks, in networks of meanings. Words are connected to one another, because we cannot enunciate, speak and answer without concatenating, in a system of synonyms and antonyms, words that are complementary, that are different etc.

On the subject of nebulae, a third stage was the fact that I began to explain (first of all to myself) that all this had to do with the history of art and architecture. In this aspect, the texts by Hubert Damisch,⁸ especially his book *Théorie du nuage: pour une histoire de la peinture* (1972), were very important to me. They helped me to understand “the cloud” as a theoretical object and, in its turn, thinking in nebulae could also become a question. I am telling this short story (which is already a long one) to show that it took me a long time before I constructed the thought in nebulae as a theoretical object.

In a way, I was using “the nebula” as a metaphor. Hence, the last stage was not so much with Hubert Damisch. It was about the problem of the metaphor. Rather, the construction of the thought drawing on it and its use. Why? Because the concept does not close itself, and, therefore, it is the metaphor, a figure of language that enables to leave it open, put in suspension the meaning of things, give this thought a pause for reflection. This was, in fact, the last stage I achieved in the past five, six years.

RF: In a more specific way, we propose to re-think the notion of criticism as a transnational practice, which goes through modulations in time and space. Drawing on different mediation mechanisms (such as magazines, published texts, but also UNESCO's global meetings), we are interested in further understanding the role of these media not only as vehicles of circulation, information, ideas and models, but, overall, as global “contact zones” (Avermaete; Nuijsink, 2021), of exchanges, interaction and mutual acquaintance.

MSP: Returning to the theme proposed, the transnational dialogues and our nebula, it is important to seek once again the meaning and the historicity of words, because people not always think about the use of terms drawing on the way they are produced, as answers to theoretical problems or not. Although many Brazilian authors have sought the root of the term “transnational”, in the United States, in my understanding, it emerged in the 1980s, with the development of the studies on the history

⁸ Margareth da Silva Pereira was Hubert Damisch's student during her doctoral studies at the École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS – Paris).

of cities, in some European circles and in their “contact zones”, including Brazil. The term “transnational” is associated with more transversal movements, which are not circumscribed to the concept of nation. What do I mean? It could be that São Paulo is more related with San Francisco than with Rio de Janeiro; due to the immigration rhythm, – both cities had rapid growth as from the late nineteenth century – it could be, perhaps, that Porto is more related with Bordeaux than with Lisbon, and that Lisbon, on its turn, is more related with some other city. With this, I wish to reinforce that, by limiting the study to the national framework, we might narrow the view and lose, because it leaves out of focus a series of other issues that could be pertinent, stimulating... Therefore, we must distrust adjectives: “Baroque town” or “Portuguese architecture”. We must question the excessive use of this practice.

I like your idea of “mediation mechanisms”. It is important to highlight the instances that give support to mediations, interactions, frictions, and that sometimes make the conflicts clear. It is not by chance that from the nineteenth century onwards, one could observe the expansion of a movement that crosses nations, crosses cultures. Hence, one could observe new mediation mechanisms: congresses, seminars, magazines and books of architecture (although the magazines were more agile in this process).

One cannot forget either the construction of certain notions created by law and that helped to organise social movements. In this scope, I studied a number of words related to the emergence of associative movements (Pereira, 2016). What moved me, at the time, were questions such as: How was the notion of association and club generated? When did the words union, mutual, cooperative enter the vocabulary? At times, when did these words become figures of law and of the Civil Code? How were created, in the Western world, the institutional actors – e.g., institutes, foundations – that help in the stabilisation of struggles, in the diffusion of certain worldviews? The “mediation mechanisms” – to use Rute’s vocabulary – must be valorised and, among them, it is important to distinguish between those that constrain and those that, on the contrary, propel, push and expand.

One can think of schools as a “mediation mechanism”, however, a certain school can both discipline and punish, whereas another can be libertarian. In Portugal, the Escola da Ponte is a reference worldwide. In other words, the same grouping may serve to curtail, besides other purposes. In the case of architectural magazines, it is obvious that most of them were progressive, especially in the early twentieth century. However, in Brazil there were very conservative magazines. I am thinking, for example, of A Casa [The House], a magazine that I had to browse through recently. It is a Brazilian magazine from the 1920s, and it is very conservative. At the same time, around the same period, there is the magazine Forma [Form], which defends a completely different viewpoint.

When we talk about architectural magazines, another question that, to me, seems to become serious, is to think about the depoliticisation that happened to architecture and urbanism. Actually, I think it is important to ask ourselves why was urbanism put in the background; and, at the same time, there was an expansion of the discourse on architecture that put it distant from the political issue. Therefore, these groups, instruments and tools – not only the mechanisms, those to which you refer in the title of the colloquium (criticism and its media) – help in the mediation process and in understanding in which side we stand in the world, with whom we struggle, or with whom we potentiate our agendas, and those who, on the contrary, curtail us. Hence, it is crucial to be attentive to both the mechanisms and the tools. It seems to me that the idea of “contact zones” can help to give attention to the process of contamination, hybridisation and mixture. Otherwise, the magazines are utterly important.

RF: How can this notion of nebula frame the debate on criticism as a transnational practice and the mechanisms of contact and exchange? Can we think of the architectural criticism produced in the post-war period as a practice of moving bodies – a nebula – that, at the same time, are creased by more perennial specificities?

MSP: Evidently, criticism is associated with the concept of crisis. Criticism is always an operation of judgement, a term that is commonly avoided nowadays. However, thinking criticism as an operation of judgement helps us to approach it as a gap moment. When thinking of nebulae, it is necessary to pay attention to the gap moments, the abyssal moments of moving bodies. It is important to interpret processes and, within them, ruptures, separations, interruptions. This means ascertaining and observing a continuum, one spot after another, in a certain temporality, intersecting them with what occurs in other temporalities. It is in this come-and-go of interpreting actions and their times – i.e., their cadence and rhythm –, their chronologies, short or not, that the clouds form and differentiate themselves. Or, if you wish, that are formed by the layers of nexus and meanings that prolong themselves, distinguish themselves and seem to repeat themselves or to be detached. As I have mentioned earlier, the nebula is not only a notion. I do not like to define it as a very fixed image. I would like it to activate the imagination, more than to fix a form. The nebulae must be thought of as sets of clouds. More than it being an intellectual attitude, as I have said before, it is a collective, as the term “wolf pack” refers to a set of wolves, or “swarm”, for bees. In other words, a nebula is a set of clouds. A possible, probable, configuration... The critical operation takes place in a lacunar moment, because it occurs in moments of uncertainty. It is always an interrogation, a doubt. It means that what was there before is no longer satisfactory and what is yet to come is not under control either. So, we act in the abysm, we are acting in this abyssal moment, in this gap moment, which is the reflection in action. This is reflexivity, a practice required from the historian in relation to his/her object of study and that numerous authors have thematised since the 1960s. In short, it is about being in a permanent state of interrogation. To ask oneself: How are we thinking? Why, for some reason, do we feel that there is something there, even though it is still a germ? What is provoking us? What is pushing us to question about the causes? Questions like these make me think that the crisis might have a positive aspect. However, we should ponder that, in the Brazilian case, we live in a permanent crisis and perhaps here, in our country, it is excessive.

RF: This idea of a “gap moment” somehow undermines a conventional and static view of architectural criticism. In face of the great global challenges and systemic problems of the early twentieth century, how are situated the actions of the new global public spheres of debate, representation and legitimation of architecture – with the increasing presence of the biennials, museums and the ubiquity of digital publications – in the formulation of critical responses and actions? How does the concept of nebula, developed during the three past decades, remain operative (or is even more robust) in these new spheres of critical enunciation?

MSP: I do not know if I have the answer to your questions, Rute! However, you pointed a sensible spot: the great global changes in the public sphere. In Brazil, I often ask myself about how many centuries are necessary for an idea to become a practice. Let us suppose: the abolition of slavery. When I move through downtown Rio de Janeiro, São Francisco square, Carioca square, I observe scenes that are similar to those made by the French artist Jean-Baptiste Debret, around 200 years ago. Some 150 years have passed since the social figure of the “poor” started to be treated as a theoretical and a public sphere problem. Here, in Salvador, I walk in the city and see people sleeping on the street while others pass by as if those people did not exist. What is, thus, the notion of “individual” and “poor” that was constructed in these city cultures? In general, there are changes in the public sphere, because, one way or another, we are not

in the Ancien Regime. There has been democratisation, even if complex, even if with failures, even if the result of 200 years of struggle, perhaps 150 or 100 years of struggle, and even in our inner struggles, since we were born. All of us realise these changes. Hence the interest in the problem of the gap and the abyss, to learn to act using our capability of reflection, using our capability of judgement, with no fear of doing so, but without knowing exactly what the direct result will be. In the past 200 years, with the prevalence of a certain notion of science, we have become used to coexisting with the idea of forecast, in all senses, and the idea of a progressive action, in arrow (I act, and I know where it will lead). This idea is impregnated in our bodies. For this reason, we do not know how to act adrift.

I like to suppose that we must act by essay. That we must return to the experimental and essayistic character of things. It is an essay about what we are doing now: we are going to organise a colloquium, and what will be the consequence? How can we anticipate, foresee what will happen? What will the colloquium be transformed into, after its realisation? What will change for the young Camille,⁹ who is listening to us? Or, for Natan,¹⁰ who is also listening, while he works in front of me, though you cannot see him? We do not know, nor could we know. We can only experiment and imagine that what I am doing is a mere act of language, but not a self-absorbed act of language¹¹. In other words, this is not a self-centred exercise; potentially, it affects others, even though we cannot know in what manner, nor in what circumstance or when. What we think and talk inevitably affects all of us here, because it results from a more extensive reflection on something that we share.

RF: In your point of view, how has the figure of the critic – situated in its social, professional and conceptual constellations – evolved since the 1960s and changed the conventional practices and scales of discourse mediation (such as the printed writing in periodicals, for example)? How have these changes in criticism and the critic's profile affected our understanding of the figure of the architect and the practice of architecture? To what extent do the critic's new socio-political and cultural agendas have an impact on the promotion of the new orders of thinking, both in the professional field and in the architectural research?

MSP: I agree, in fact, that this socially identifiable figure of the critic has ceased to exist! I have the conviction that the critic will no longer have a position of authority that in the past was present even in figures such as Bruno Zevi, for example. The climax of a certain notion of truth that traversed the critical discourse, occurs between the 1940s and 1960s. The critics (who were not historians) spoke from a *tabula rasa* and thought that their perspective constituted a universal truth. In fact, they did not see themselves as socially constructed subjects. For this reason, they even disqualified cultures and their own knowledge. The critics, today, must know if they learn, alert, call attention (in the sense of interpellation and not of reprehension), must construct a field of modesty that, often, they did not have in the decades of 1950, 1960 e 1970. Moreover, the critics of those times also did not think of the plurality of knowledge that nowadays we know that are fundamental to the structuring of the critical discourse.

⁹ Camille Oliveira, undergraduate student at the School of Architecture and Urbanism of the Federal University of Rio de Janeiro, holder of a scholarship for scientific initiation, who followed the interview.

¹⁰ Natan Bastos, undergraduate student at the School of Architecture and Urbanism of the Federal University of Bahia, holder of a scholarship for scientific initiation, who also followed the interview.

¹¹ T.N.: In this passage, Margareth da Silva Pereira used the Portuguese word *ensimesmada*, here translated as "self-absorbed", and pointed out as a very difficult term to be translated.

When I think of Lucio Costa, as a baroque figure¹² that he was, I remember the sections he drew. It is perceptible that he had the awareness of incompleteness. He knew about the need for affirmation, but also for doubt. Of action, but also of hesitation. At a certain moment, perhaps, he might have been affirmative, at other moments doubtful, but looking at his drawings, it makes me think that he knew how to make it flexible in the action. As critics, we must also make it flexible.

It seems that we create names for everything, in excess. There is knowledge that has no name. Knowledge that has been practiced throughout the centuries, without the need to classify or arrange them in a certain small box, constructing them as a "critic" or as a "historian". This is the opposition observed very clearly between 1950 and 1968 (so to speak, as to create an easy landmark). Or, from 1945 to Team X, in 1954. This chronology could also be extended, perhaps, until 1956 or 1958. Anyhow, this was the moment when the figure of the critic started to dismantle. In our days, the great difficulty will be, inversely, to understand what their contours are. Hence, it is important to discuss and review the possible configurations, those we have been able to think about until now.

PP: When we made the appointment for this interview, you said that you would like to approach readings on the Baroque culture that you have been revisiting for a course you are preparing. Although I could sense the aspects you would like to address, I must confess that it made me curious. I must ask: how did you imagine bringing together a reflection on architectural criticism and your nebulae of studies of Baroque culture?

MSP: This will lead us away from the transatlantic dialogues! Or, rather, they also depart from the attention to the transatlantic dialogues and the construction of critical sensibilities! As you know, I am very much interested in the culture in Brazil, as complex as it is. An asymmetrical culture, with its internal struggles. Brazil's history is immensely rich, exactly because it needs to be constructed in the face of a violent experience of encounters, disagreements, relations of domination and subordination of worlds. Experiences that occurred in leaps, interspersed with doubts and operating deconstructions of a number of dogmas. Confrontation modes that I believe still are the object of interest of our contemporary reflections. This is where my interest in the Baroque universe stems from, because I understand it as a sensibility of crisis. Baroque is not a historical epoch. Baroque is not a style. Baroque is a critical state.

Did you know that 20 or 30 years before Rafael Bluteau (published between 1712-1721) wrote in his dictionary that "baroque" meant a rough stone, Antoine Furetière (1690), also a dictionary writer, wrote an entry presenting "baroque" as a jewellery stone? From the start, one realises that there is a problem of perception and friction in the understanding of history.

During the classes I lectured this week, I sought to present the process by which the classifications of history of art and architecture were established. How the notions of Renaissance, mannerism, Baroque, rococo, etc., were construed. In the specific case of Baroque, I sought to debate with the students how did the understanding of "baroque" move from a valorised stone to another, devalued. I asked them: How was the valorisation of this stone constructed? How was the disqualification of a practice construed? From these questions, I sought to demonstrate how the Baroque was assimilated as a style.

¹² By making Lucio Costa's actions closer to a baroque poetics, Margareth da Silva Pereira articulates questions that she has addressed in some of her texts, such as: *L'utopie et l'histoire: Brasilia entre la certitude de la forme et le doute de l'image* (Pereira, 1992); *Uma arte inocente: Pagus, país, paisagem* (Pereira, 1995); *Corpos escritos: paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca* (Pereira, 2000); *Quadrados Brancos: Lucio Costa e Le Corbusier – Uma noção moderna de história* (Pereira, 2004).

As the Baroque began to have a negative connotation, of rough stone, culturally, it seemed important to construct a sort of counterpoint, a notion of positive value. Hence, we see the emergence of the notion of "Renaissance", which opposed, in a violent way, science and art. Previously, the practice of science required imagination, and, in its turn, imagination required rationality. In other words, initially these ideas were not dissociated. However, with the need to institute counterpoints, reason was then perceived as abstract and incorporeal, and, on the other hand, the realm of imagination was constructed. The opposition between science and art was established.

When we make the history of the concept, it becomes clear that the notion of Baroque went through successive displacements. When the art historian Heinrich Wölfflin wrote his thesis defending the Baroque, he draws on the psychology of architecture, dissertating on an architectural practice that does not want to be form, but experience; does not want to be painting, but image; that wants to be something that comes, but whose presence is perceived almost as a phantom. Perhaps, inspired by Wölfflin, I defend that we should think of the Baroque as a porous culture.

In this fine attention to experience, the Baroque helps us to rediscover the bodies. In the Baroque sense, the body is everything. For example, when we read Salomon de Caus (1615), we realise that the body is the wind. This author's sensibility is magnificent when thinking how to channel the wind and how to construct a sound garden. He leads us to perceive openings and closings in channels through which the wind passes, as if it were the sound of a flute. It is marvellous that we have reached the seventeenth century with this degree of reflection on the sensible.

I can bring yet another example: observe an illustration of a wind rose on a Portuguese nautical chart. We can recognize a rationality that has the sensibility to feel 14 or even 18 wind directions. The wind rose drawn on the charts demonstrates that there were bodies with such sensibility, that by feeling the wind on their skin, the edge of the ear or the hair, they knew to which side they should articulate the sails of a vessel. They could say if the vessel would reach some spot of the African coast or of the Brazilian coast.

This specific body of knowledge has been lost. Our knowledge became increasingly compartmentalised and our critical consciousness started operating from the concept of belief, truth, and dogmatism. I often observe that our students (and often ourselves) reproduce a vocabulary or an attitude unconsciously, without thinking. After all, words are also things that enter through the pores. However, the Baroque culture, in this plural world, in this porous culture of impregnation of bodies with other bodies (light, sound, wind, city, forest, water), makes me think of a possibility of mutual enrichment, because it has, even under the weight of an extremely fierce religious discussion, a great subversion. In what I call the "American experience", I think we can identify a place and a moment when this becomes radicalised. In the territory inhabited by nomadic peoples in the Americas, during the sixteenth and seventeenth centuries, the religious issue was discussed to the ultimate consequences. It is not to say that this experience did not exist on the highlands, also in Mexico, but in certain geographies, this dispute was experienced in a more radical way.

Therefore, Baroque culture can teach us a great deal. I observe several traits of what I think about this culture in other authors. I have mentioned H. Wölfflin, but I could have cited Eugênio d'Ors ([1935] 1985), or all Brazilians who have written about the Baroque. In Minas Gerais, for instance, we have Affonso Ávila (1997). However, it was from reading Giulio Carlo Argan (2004) that I first understood that the debate initiated in the Baroque culture was not limited to a religious issue, but it was above all an ontological problem. A similar perception I see reverberating also in Lucio Costa. I perceive in his work the liking of the unfinished, his capability to think the problems of life with gestures of a scholar who was under the effect of the Baroque sensibility.

In other words, he did not treat science and art as opposing abstractions, he rather realised them in a certain daily life. I believe that we have to struggle to make relevant how, after these authors, historiography and criticism made these relations become closer again.

PP: If I may, I would like to return to a previous moment, when you articulated the notions of "crisis" and "criticism". Thinking them together made me remember the book by the German historian Reinhart Koselleck, "Critique and Crisis: Enlightenment and the Pathogenesis of Modern Society". By studying the debates of intellectuals who preceded the French Revolution (and somehow helped to construct a favourable "conjuncture" for it), Reinhart Koselleck helps us to understand the emergence, almost in synchronicity, of four operations: the individual who perceives him/herself as an actor in society; the construction of the wish for freedom; the sentiment of an eminent crisis; and the moral judgement as mechanism of control (to avoid that the other three operations led to civil and religious wars). Reinhart Koselleck delves more specifically on the latter, the control. He demonstrates how moral judgement led individuals to project their wishes on the way of writing history – based on the idea of progress – marked by utopia. On the back cover, we can read what I called modern heritage:

The political crisis and the respective philosophies of history form one single historical phenomena, whose root should be searched for in the eighteenth century. [...] It belongs to the nature of the crisis that a decision is pending but has not been made yet. It is also in its nature that the decision to be made remains open. However, the general uncertainty of a critical situation is traversed by the certainty that, not knowing when or how, the end of the critical state is near. The possible solution remains uncertain, but at the very end, the transformation of the current circumstances – threatening, feared or desired – is certain. The crisis evokes the question to the historical future (Kosellec, 1999 [1959] – free translation).¹³

MSP: It will be useful to get back to Reinhart Koselleck on the notion of individual and actor. This is a struggle that I must constantly face, it is not new. Some colleagues insist on stating that in the past decades we lived in a time of the death of the subject, the individual, the "I". Between Barthes and Derrida, the same phrases are repeated, against or in favour of the uses and abuses of biographies... But, on the other hand, I observe that not only the names of most authors are still on the covers of books, as well as there is a growing subjectivism. In face of Koselleck's strong discourse, once again I ask: does everything dilute and dismantle in an "I" anonymous and collective? I ask because there is a problem relating to this idea of judgement and insecurity that involves the crisis and criticism regarding the idea of death of the subject and we, in the area of architecture and urbanism, have not resolved it, or rather, do not know how to face it. However, does anyone know? In fact, this difficulty is not only ours; it is also of other areas. It is as if, to fight against an idea of authoritarianism – of critics, architects, urbanists – it would be necessary to kill all the subjects and all their constructions. However, what seems necessary is not to point out their negative sides. This is easy. The most difficult task, though, and necessary, is to see in them what they have helped us to think. This task is important for us to maintain the idea of freedom as an opening, as a possible detour that emerges in the operation of criticism, and for us to be able to exercise and expand it. In other words, what should be killed is authoritarianism (practiced by many subjects), but without losing the idea that, perhaps, what defines the subjects, above all, is their insistence in maintaining themselves as culture. In sum, take them out of their prepotency and, diluting them, replace them in the interior of history. After all, if the nature of the individual is to be culture, to be culture is to be critical.

¹³ T.N.: This citation was extracted from the 4th cover of the Brazilian edition of Koselleck's book, which does not appear in its English version.

PP: Your words, Margareth, – especially the way you invited us to think of nebulae, to act by essay and to define criticism as a gap moment – have made me reflect on the permanent attention we must have when dealing with our modern heritage (in the broad sense of the term). As in Françoise Choay's texts (that presented us to Alberti's texts on De Re Aedificatoria as a counterpoint to More's Utopia), it seems to me that your words invite us to consider non-modelling (non-utopian) perspectives of practicing criticism. This means, to examine reflectively what reaches our time. Differently from what Reinhart Koselleck could observe about the French Revolution, it helps to think about criticism as an acting in the present.

References

- ARGAN, G. C. **Imagem e persuasão:** ensaios sobre o barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- AVERMAETE, T.; NUIJSINK, C. Architectural Contact Zones: Another Way to Write Global Histories of the Post-War Period? **Architectural Theory Review**, v. 25, n. 3, 2021, p. 350-361. Available at: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13264826.2021.1939745>. Access on: Jan. 12, 2023.
- ÁVILA, A. **Barroco:** teoria e análise. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BOURDIEU, P. **The Field of Cultural Production.** Nova York: Columbia University Press, 1993.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAUS, S. de. **Les raisons des forces mouvantes avec diverses machines tant utiles que plaisantes** (Ed. 1615). Paris: Hachette Livre Bnf, 2022.
- CHOAY, F. **A regra e o modelo [1980].** Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- DAMISCH, H. **Théorie du nuage:** pour une histoire de la peinture. Paris: Le Seuil, 1972.
- D'ARC, H. R. A circulação das ideias (França-Brasil). [Interview given to] Anete Brito Leal Ivo. **Caderno CRH.** [S. l.], v. 33, 2020, p. 1-19. Available at: <https://doi.org/10.9771/crch.v33i0.38726>. Access on: Nov. 13, 2022.
- D'ORS, E. **Du Baroque [1935].** Paris: Gallimard, 1985.
- FURETIÈRE, A. **Dictionnaire universel contenant généralement tous les mots français tant vieux que modernes et les termes de toutes les sciences et des arts.** Haia-Rotterdam: Arnout et Reinier Leers, 1690.
- GIL, F. (coord.) **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.
- HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOSELLECK, R. **Crise e crítica:** uma contribuição à patogênese do mundo burguês [1959]. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, R. **Critique and Crisis:** Enlightenment and the Pathogenesis of Modern Society [1959]. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.
- LEPETIT, B. A história leva os atores a sério? In: LEPETIT, B.; SALGUEIRO, H. A. **Por uma nova história urbana.** São Paulo: Edusp, 1996, p. 227-244.

LEPETIT, B. **L'histoire prend-elle les acteurs au sérieux?** Espaces Temps. v. 59-61, 1995, p. 112-122.

PEREIRA, M. da S. Construir cidades, construir homens, construir lugares sociais: associativismo e urbanismo (1905-1935). Chicago e o caso do Rotary Club. In: ENANPARQ, 4, 2016, Porto Alegre. **Anais...**, Estado da Arte. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2016.

PEREIRA, M. da S. Corpos escritos. Paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, 2000, p. 98-113.

PEREIRA, M. da S. Nebulosa. In: JACQUES, P. B. et al. (orgs.). **Laboratório urbano:** pequeno léxico teórico-metodológico. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 261-274.

PEREIRA, M. da S. O rumor das narrativas: A história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico – notas para uma avaliação. **Redobra**, ano 5, n. 13. 2014, p. 201-247. Available at: <http://www.redobra.ufba.br/?pageid=193>. Accessed on: Ago. 17, 2024.

PEREIRA, M. da S.; JACQUES, P. B.; CERASOLI, J. (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico:** modos de narrar. Tomo III. Salvador: EDUFBA, 2020.

PEREIRA, M. da S.; JACQUES, P. B. (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico:** modos de pensar. Tomo I. Salvador: UFBA, 2018.

PEREIRA, M. da S.; JACQUES, P. B. (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico:** modos de fazer. Tomo II. Salvador: UFBA, 2019.

PEREIRA, M. da S. Internacionais e localistas: o Rotary Club e as maneiras de pensar o urbanismo no Brasil (1905-1935). In: Encontro Nacional da ANPUR, 12., 2007, Belém. **Anais...**, v. 1, 2007, p. 12-14.

PEREIRA, M. da S. Le temps des mots: le lexique de la segregation à São Paulo dans les discours de ses reformateurs (1890-1930). In: TOPALOV, C. (org.). **Les divisions de la ville.** Paris: UNESCO – Maison des Sciences de L'homme, 2002, p. 255-290.

PEREIRA, M. da S. Localistas e cosmopolitas: a Rede do Rotary Club Internacional e os primórdios do urbanismo no Brasil (1905-1935). In: Congresso Internacional de História Urbana, 2., 2009, Campinas. **Anais...**, 2009.

PEREIRA, M. da S. Localistas e cosmopolitas: a Rede do Rotary Club Internacional e os primórdios do urbanismo no Brasil (1905-1935). **Oculum Ensaios** (PUCCAMP), n. 13, 2011, p. 1212-1231.

PEREIRA, M. da S. L'utopie et l'histoire: Brasília, entre la certitude de la forme et le doute de l'image. In: SAYAG, A. (org.). **L'Art de l'Amerique Latine. Paris:** Centre Georges Pompidou, 1992.

PEREIRA, M. S. Nebulosa. In: JACQUES, P. B.; ALMEIDA JR., D.; QUEIROZ, I.; IZELLI, R. (org.). **Laboratório urbano:** pequeno léxico teórico-metodológico. Salvador: EDUFBA, 2022. p.261-274.

PEREIRA, M. da S. O rumor das narrativas: a história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico. Notas para uma avaliação. **REDOBRA**, v. 13, 2014, p. 201-247.

PEREIRA, M. da S. Quadrados brancos: Lucio Costa e Le Corbusier – Uma noção moderna de historia. In: NOBRE, A. L. et al. (org.). **Lucio Costa:** um modo de ser moderno. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PEREIRA, M. da S. Uma arte inocente: Pagus, país, paisagem. **Projeto**, São Paulo, v. 186, 1995.

TOPALOV, C. (dir.). **Laboratoires du nouveau siècle:** la nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France (1880-1914). Paris: Editions de l'EHESS, 1999.

TOPALOV, C.; LILLE, L. C.; BRESCIANI, S.; D'ARC, H. R. **A aventura das palavras da cidade através dos tempos, das línguas e das sociedades.** 1. ed. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

TOPALOV, C.; PEREIRA, M. da S. Jardim. In: TOPALOV, C. et al. (org.). **L'aventure des mots de la ville.** Paris: Robert Laffont, 2010, p. 627-632.

TOPALOV, C.; PEREIRA, M. da S. Município. In: TOPALOV, C. et al. (org.). **L'aventure des mots de la ville.** Paris: Robert Laffont, 2010, p. 801-806.

TOPALOV, C.; PEREIRA, M. da S. Subúrbio. In: TOPALOV, C. et al. (org.). **L'aventure des mots de la ville.** Paris: Robert Laffont, 2010, p. 1201-1206.

WÖLFFLIN, H. **Prolégomènes à une psychologie de l'architecture [1886].** Paris: Ed. de La Villette, 2005.

WÖLFFLIN, H. **Renascença e barroco [1888].** São Paulo: Perspectiva, 2010.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (**ISSN 2675-0392**) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 05/11/2024

Aprovado em 27/11/2024

CADERNOS

PROARQ 43

ENTREVISTA

INTERVIEW WITH MARGARETH DA SILVA PEREIRA, BY RUTE FIGUEIREDO AND PRISCILLA ALVES PEIXOTO

Pensar POR NEBULOSAS, os lugares da linguagem

Thinking THROUGH NEBULAE, the places of language

Pensando A TRAVÉS DE LAS NEBULOSAS, los lugares del lenguaje

Entrevista

Priscilla Peixoto: O convite para a entrevista foi motivado pelo aporte teórico-metodológico que a sua noção de nebulosa¹ dá ao tema “Diálogos Transatlânticos”.² A metáfora da nebulosa nos interessa enquanto imagem de pensamento, segundo suas próprias palavras:

[...] Para evocar essas formas vaporosas que se agregam para se constituir, de modo denso em certas zonas, fluido e esgarçado em outras, consolidando-se ou se diluindo a partir da interação de umas com outras ou francamente em situação de isolamento. Contudo, se olharmos essas configurações ainda mais de perto, suas formas exibem diversas camadas mais ou menos etéreas, com seus pontos de concentração ou esgarçamento (Pereira, 2014, p. 202).

E, abordando pesquisas de natureza historiográfica, sintetiza que:

[...] qualquer exercício crítico sobre o tema exige explorar camadas de atores e vozes atuantes no campo cultural e de pesquisas que se movem de modo mais ou menos interligado ou francamente independentes, segundo as configurações que se observam. Mais precisamente, é necessário não esquecer que os pontos de concentração ou de esgarçamento dessas nuvens praticam a história com diversos matizes, que resultam de construções culturais que se organizaram em diferentes temporalidades e mudam também diferentemente no tempo (Pereira, 2014, p. 202).

Dessa forma, o convite busca contribuir para aproximar o estudo de atores sociais que conformam e praticam a crítica da arquitetura, chamando a atenção para as relações que estabeleceram entre si, bem como ajudando-nos a problematizar as diferentes temporalidades que atravessam essas relações.

No entanto, sabemos que a noção de nebulosa³ não nasceu especificamente no domínio dos estudos sobre crítica da arquitetura, mas o que nos interessa aqui é a historicidade dos atos de linguagem, inerentes, portanto, a toda a operação crítica. Nós a aproximamos dessas discussões, considerando que suas pesquisas não estão longe do que pretendemos debater quando abordamos a história da crítica da arquitetura, uma vez que não a consideramos como um saber especializado. Ao contrário disso, buscamos enquadrá-la como estado epistemológico, reflexivo, sobre as práticas de ajuizamento em arquitetura, ou seja, como maneira de reagir e de pensar, um saber historicamente situado.

¹ De acordo com Margareth da Silva Pereira (2022, p. 261): “Nebulosa. 1. Nuvem. Por extensão substantivo feminino, coletivo de nuvens, considerando-as condensações diversas de névoas de gases reunidos em grupos compactos ou meros rastros esparsos e isolados que se percebem por contraste e relação. 2. Camadas de qualquer éter, gás ou vapor que se caracterizam pelo seu movimento. 3. Em sentido figurado designa uma configuração que se sabe forma, mas é passageira. 4. Forma de pensamento e saber transitório, em movimento. As definições da palavra ‘nebulosa’ como um substantivo coletivo, isto é, como termo que designa um singular que é plural, não se encontram como tal em nenhum dicionário. Elas dão sustentação a uma atitude epistêmica e a uma forma de pensar teórico-metodológica, indissociáveis de um entendimento sobre modos de ser. Não são um modelo teórico aplicável, mas uma forma de pensar o próprio pensar e conhecer”.

² Esta entrevista foi realizada por videochamada, em 2 de junho de 2022. Na ocasião, Priscilla Peixoto estava no Rio de Janeiro, Rute Figueiredo estava em Lisboa e Margareth da Silva Pereira, em Salvador. Nos meses que se seguiram, a entrevista foi transcrita por Luiza Appolinário, Camille Oliveira e Natália Abdala e, posteriormente, revisada por Silvia Maciel Sávio Chataignier, Rute Figueiredo, Priscilla Peixoto e Rio Books.

³ Segundo Margareth da Silva Pereira (2022, p. 261): “Nebulosa. 1. Nuvem. Por extensão substantivo feminino, coletivo de nuvens, considerando-as condensações diversas de névoas de gases reunidos em grupos compactos ou meros rastros esparsos e isolados que se percebem por contraste e relação. 2. Camadas de qualquer éter, gás ou vapor que se caracterizam pelo seu movimento. 3. Em sentido figurado designa uma configuração que se sabe forma, mas é passageira. 4. Forma de pensamento e saber transitório, em movimento”.

Rute Figueiredo: Priscilla Peixoto já contextualizou esta entrevista e introduziu algumas questões que, de fato, interessam-nos particularmente no âmbito dos diálogos transnacionais, nomeadamente o conceito de nebulosa – “um pensar em movimento”, nas palavras de Margareth da Silva Pereira. Efetivamente, tomei os três volumes da série Nebulosas do Pensamento Urbanístico (Pereira; Jacques, 2018, 2019; Pereira et al., 2020) – desdobrados nos seus modos de pensar, fazer e narrar – como ponto de partida e base metodológica para a elaboração desta entrevista, e que visa a criar (e passo a citar): “uma pausa reflexiva sobre conceitos, temas, métodos, questões e debates que perpassam as práticas instituintes das formas construídas e imateriais das cidades, a começar por aquelas de historiadores e de todos aqueles que operam sobre o urbano, entre suas memórias, histórias e as suas possibilidades de vir a ser” (Pereira et al., 2020, p. 11). Gostaríamos, assim, de começar por perceber um pouco melhor como se deu essa “pausa reflexiva”. Que inquietações, desafios, e interrogações – seja do ponto de vista metodológico ou do ponto de vista conceitual – estiveram na raiz do seu trabalho em torno da noção de nebulosa?

Margareth da Silva Pereira: Eu não sei se conseguirei responder a tudo, porque as questões que você nos traz são imensas, e cada uma delas suscita uma certa linha de raciocínio. Essa noção de *nebulosa* – aliás, prefiro utilizar *noção* em vez de dizer *conceito* – toma forma dentro de um processo muito lento. Um processo que visou, inclusive, a um deslocamento do próprio sentido atribuído à palavra *conceito*. A origem da noção de *nebulosa* tem um primeiro fio condutor que remonta há mais de 35 anos. Inicia-se quando eu estava escrevendo a minha tese de doutoramento⁴ e estudava a modernização do Rio de Janeiro no começo do século XX, associando-a e comparando-a às obras do Barão Haussmann em Paris, cinquenta anos antes. Estava morando na França, onde passei cinco anos dedicada a isso. Já havia escrito dois ou três capítulos da minha tese, quando voltei ao Rio de Janeiro para terminar algumas pesquisas e, olhando de perto a cidade, percebi imediatamente meu equívoco. “Meu Deus, fiz tudo errado!”, disse para mim mesma, rasguei todos os capítulos já escritos e decidi recomeçar. Por quê? Porque o problema é que a Paris haussmanniana, como materialidade construída, estava de pé, permanecia. Ou seja, na França, eu saía da minha casa e podia andar pelo Boulevard Saint Germain, pelo Boulevard Saint Michel, e ela ainda estava lá. No Rio de Janeiro, ao contrário, eu até conseguia andar pelo eixo da antiga Avenida Central – que foi o eixo mais importante das reformas do fim do século na cidade –, mas não sobrava quase nada das obras de Pereira Passos e, sobretudo, de Lauro Muller. Os edifícios da época, que eu conhecia pelos livros e pelas fotografias, não existiam mais! Foi assim que me dei conta que estava diante de um problema histórico e historiográfico gravíssimo. Afinal de contas, como é que nós, no Brasil, pensamos a história? Que sentido atribuímos a essa palavra? Qual é o peso que atribuímos ao passado?

Então, comecei a me preocupar com aquilo que, depois, com Reinhart Koselleck e François Hartog, passou a se chamar a historicidade dos conceitos e os regimes de historicidade. Digamos que, acompanhando outros historiadores que estavam, nessa mesma época, tentando dar mais densidade à reflexão sobre a operação historiográfica – trabalhos como aqueles de Michel de Certeau e de Jacques Le Goff, que chamamos de virada epistemológica –, procurei compreender o que faz com que, em certas sociedades, a forma física e construída da cidade permaneça e o que faz com que, em outras sociedades, isso seja considerado “desimportante”. Seria verdade o que se lia e se dizia, com frequência, naquela época, que os brasileiros não tinham história? Fiquei particularmente chocada, quando um investigador italiano, durante

⁴ Margareth da Silva Pereira desenvolveu sua tese de doutoramento *Rio de Janeiro, l'éphémère et la pérennité: histoire de la ville au XIXe siècle*, sob a orientação de Marcel Roncayolo, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris (França), entre 1984 e 1988.

uma visita a Brasília, afirmou (quase como fez Bruno Zevi, muitos anos antes): “eu não comprehendo estas cidades sem história”. Foi esse o momento-chave a partir do qual comecei a me questionar sobre o modo como eu estava construindo a minha tese: sem refletir que aquilo que eu estava fazendo era uma operação historiográfica. O que significava e que estabilidade tinha o conceito de história? Como é que a palavra “história” havia se confundido com uma certa ideia de passado? Como é que tudo isso havia sido pensado em outras culturas?

A partir de então, para mim, deixou de ser possível considerar qualquer noção (de arquitetura, de história, de cidade) sem antes perguntar: Quem são os atores? Quem está falando? Qual é o sistema que legitima ou tira a legitimidade daquilo que se diz? Como se constroem certas visões que se tornam hegemônicas?

Comecei, efetivamente, a perceber a série de debates historiográficos que estavam aflorando naqueles anos 1980. Redigi a tese entre 1983 e 1988. O ato de rasgar os capítulos aconteceu entre o fim de 1987 e o começo de 1988. Disse a mim mesma: “Não posso silenciar o modo como pensamos a história, como pensamos a arquitetura, como pensamos o urbanismo e como pensamos a cidade. Eu não posso desconsiderar essas questões. Serão elas universais? Poderemos dizer que um francês, um português e um brasileiro – se adotarmos recortes nacionais, pois no começo eu os adotava (apenas no começo!) – pensam a história da mesma maneira? E pensarão, por conseguinte, o passado da mesma forma? E pensarão o tempo da mesma forma?” Estas três questões, que parecem simples – pensar a história, pensar o passado e pensar o tempo –, continuaram sendo objeto de grande dedicação da minha parte, durante muitos anos. Até que, finalmente, eu compreendi que deveria dissociá-las. Eu precisava esgarçar a nebulosa.

RF: Com que autores e com que leituras você conviveu durante o período de pesquisa, construção e utilização da noção de nebulosa? Que estudos desenvolveu nos quais essa noção se tornou central ou operativa?

MSP: Primeiramente, a ideia de nebulosa partiu da operação historiográfica, à qual acabei de me referir, e do embate com objetos de pesquisa que me conduziram a uma reflexão sobre a historicidade das práticas, a densidade das práticas e a necessidade de prestar maior atenção nos atores. Nesse ponto, foi também a leitura de Bernard Lepetit (1995) que me ajudou bastante, em uma provocação que ele introduziu em um texto escrito um pouco antes de morrer, no qual se indagava até que ponto os historiadores davam atenção aos atores e se estes eram levados a sério⁵. Fui, assim, descobrindo pouco a pouco que nós não respeitávamos os atores em cena – quem está falando? Onde está falando? Com quem e para quem está falando? Qual o sentido atribuído ao que se diz? Quais são os conflitos que existem em um determinado momento? Como é que alguns se sobrepõem aos outros? Foi, precisamente, a partir dessas questões que nasceu a ideia da nebulosa; dessas camadas de significado, nexos, confrontos e conflitos que, inevitavelmente, atravessam qualquer tipo de prática. Ou seja, a atenção às nebulosas nasceu antes que eu as enunciasse, em um momento em que essa noção não era consciente até aquele momento. De qualquer forma, elas nasceram dessa movimentação, da reflexão sobre conceitos, e, portanto, da necessidade de nós – como professores, pesquisadores, campo intelectual – percebermos-nos em um campo de conflito, praticando, ainda, o esforço dos consensos possíveis. Não para os pacificar, mas para mostrar o empenho que é necessário para que possamos vagamente nos entender. Caso contrário, se nem a linguagem, no seu sentido mais lato, nós conseguimos praticar, que dirá praticar a crítica.

⁵ O texto mencionado por Margareth Pereira é *L'histoire prend-t-elle les acteurs au sérieux?* (Lepetit, 1995), que foi traduzido para o português por Heliana Angotti Salgueiro, em 1996, com o título *A história leva os atores a sério?*.

No entanto, eu apenas comecei a pensar verdadeiramente sobre a noção de nebulosa depois de fazer a resenha do livro *Laboratoires du nouveau siècle: la nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France (1880-1914)* [Laboratórios de um novo século] (Topalov, 1999), escrito pelo intelectual francês, sociólogo, que eu admiro muito e com quem trabalhei, chamado Christian Topalov. Ele trabalhou durante muito tempo com Bernard Lepetit, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Na época da resenha, eu estava estudando os conceitos de história, arquitetura, urbanismo e de cidade em relação à “haussmannização”, e Topalov desenvolvia também um outro projeto belíssimo, sobre as palavras da cidade,⁶ este em parceria com Jean-Charles Depaule e com Hélène Rivière d'Arc, antropólogo e geógrafa, respectivamente. *Les mots de la ville* (As palavras da cidade) foi um projeto que demorou mais de 20 anos para obter os primeiros resultados, pois, no começo, a certeza da estabilidade dos conceitos era de tal ordem que os envolvidos no projeto não conseguiam entender que pudesse ter havido um tempo em que as palavras haviam sido inventadas, que os sentidos haviam sido inventados. Era, de fato, muito difícil os pesquisadores entenderem que a palavra “cidade”, que utilizamos com tanta liberdade, pudesse ter tantos significados distintos. Por exemplo, quando falamos de Paris, os parisienses não dizem la cité, mas, sim, la ville. Ville é “cidade”? Até onde essa palavra é “cidade”? Por que é que eles usam ville e não cité? E por que nós dizemos “a cidade do Porto” e “a cidade do Rio de Janeiro”? O que aconteceu, em um dado momento do século XVI, na implantação da cidade do Rio de Janeiro, ou o que aconteceu na cultura portuguesa que conduziu à utilização desses conceitos? Por que dizemos câmara, no Brasil, e não concelho? Por que dizemos vila operária, no Brasil, e os franceses falam de cité ouvrière? Por que os ingleses esqueceram que commons significa, na verdade, comunes e, portanto, “com os mesmos direitos e deveres”? Muitos pensam que a palavra commons veio da cultura celta, como eu tive a oportunidade de discutir, nos anos 2000, com um historiador inglês. Ele havia se esquecido da ocupação normanda e do latim. Na verdade, nenhuma palavra tem estabilidade de significado. Por esse motivo, as palavras não são neutras, e os sentidos que elas guardam (ou os sentidos que elas deslocam) têm de ser objeto de crítica. Além do mais, as palavras e seus sentidos precisam ser objeto de uma história reflexiva sobre si própria. Uma história que, até os anos 1960, já não se perguntava sobre si, estava como que separada da crítica. Do mesmo modo que se praticava uma crítica sem história. No entanto, a partir daquela década, tornou-se impossível pensar a crítica sem sua historicidade e, portanto, sem inquiri-la sobre o vocabulário que se está mobilizando.

RF: No estudo *Laboratoires du nouveau siècle* [...] (1999), ao qual a professora se referiu há pouco, Christian Topalov parece fazer uma distinção entre nebulosa e rede. Como definiria essas noções e de que forma elas são redundantes, tangentes ou complementares? Até que ponto a noção de nebulosa acrescenta valência (plasticidade) às concepções já desenvolvidas, por exemplo, no campo da sociologia, por Manuel Castells (2004, 2010), em torno da ideia de network society, ou Pierre Bourdieu, na noção de “campo” como espaço simbólico de legitimação, de representação e, portanto, de lutas entre agentes?

MSP: O conceito de nebulosa nasce disto: da ideia de que as nebulosas são atravessadas por sopros, atravessadas por ventos. Elas se formam e se deformam. Trata-se de uma configuração de difícil captura, não apenas porque existem, como dizia Shakespeare, inúmeras formas possíveis de nuvens, que conformam conjuntos de nuvens e, portanto, nebulosas, mas também porque elas são passageiras. Assim, é preciso que, quando fazemos aquilo que se chama de recorte teórico – ou seja, quando estabeleçemos um campo de observação sobre qualquer objeto teórico –, não esqueçamos a

⁶ Programa do Centre National de la Recherche Scientifique-CNRS-UNESCO intitulado *Les mots de la ville* e desenvolvido entre 1995 e 2010. Ver Ivo (2020).

movimentação dessas camadas (como nuvens) de sentido.

Foi, realmente, quando fiz a resenha do livro *Laboratoires du nouveau siècle [...] (1999)*, no qual Topalov dissertava sobre as nebulosas intelectuais, as nebulosas reformadoras na França, de 1880 a 1914, que passei a pensar para além da noção de rede. Pouco a pouco, fui compreendendo que as nebulosas derivavam, precisamente, de uma reflexão crítica sobre a extrema rigidez das posições fixas que estruturaram uma rede. As nebulosas permitem, assim, eleger ou “recortar” (vamos usar essa expressão) um campo de observação e, portanto, uma certa configuração, até certo ponto, precisa. No entanto, exigem uma atenção redobrada, uma vez que elas – as configurações – são instáveis, são “móveis” – como gosto de dizer. Efetivamente, Topalov questionava, naquela época, a relação ator/rede, porque, ao estudar os “reformadores” sociais de Paris e certas associações que davam suporte às suas reivindicações, ele percebeu que seus membros atuavam em diferentes posições no campo social e que, por vezes, um único indivíduo, em um mesmo momento, ocupava posições variadas, em redes distintas, configurando “campos” de ação convergentes, mas também de tensão e conflitos. Para nós, brasileiros, esse era, ainda, um conceito extremamente interessante para a reflexão sobre as cidades, porque muitas vezes adjetivamos, com facilidade, uma posição como “pensamento europeu”, como totalidade, como se a Europa fosse uma massa homogênea e não tivesse essas cisões, essas secessões, essas lutas internas.

Por exemplo, nós (e incluo uma certa herança lusa, um “nós” luso-brasileiro), no caso da urbanização e do primeiro momento de colonização do Brasil, instauramos uma forma “fixa” de cidade. No entanto, os povos originários do Brasil são hegemonicamente nômades. É lógico que, agora, estamos descobrindo cidades na Amazônia, em Manaus e na Bolívia. Estamos descobrindo assentamentos, povoações que datam de antes do século XVI que têm um grau de investimento muito grande na sua perenização como forma construída. No entanto, na área costeira, de uma maneira geral, o processo se faz de forma inversa: primeiro se construiu as cidades, cuja materialidade chegou antes da prática política, da prática cotidiana. Ocorreu, assim, um movimento de cima para baixo, e a construção arquitetônica da cidade precede a da política, a social como um todo. Importa pensar, efetivamente, sobre essa materialidade e os problemas que ela evoca, como vim a perceber depois. Talvez por “ossos do ofício” (ou por um desvio do ofício) senti necessidade de ancorar e situar as nebulosas dos movimentos sociais, trabalhadas por Christian Topalov – nebulosas de indivíduos, agindo em prol da educação, da assistência pública e de uma série de coisas –, na ideia de cidade. Esses indivíduos estavam em lugares específicos. Eles estavam em uma Paris específica. Aqui volto à palavra “rede”, pois ela ainda ajuda, em determinados casos, a tornar a argumentação mais clara. Por exemplo, a rede do Rotary Club.⁷ Portugal tem Rotary Club; Brasil tem Rotary Club; a França tem Rotary Club; os Estados Unidos inventaram o Rotary Club; Chicago inventou o Rotary Club; Arequipa tem Rotary Club; Angola tem Rotary Club. Em todos esses países, isto é, em muitas de suas cidades, podemos encontrar um Rotary Club e sua roda dentada. Essa rede se declina, em cada lugar, de uma maneira diferente. Eu, como brasileira, comecei por questionar: a instituição de reformadores que Christian Topalov estava analisando na França – o Museu Social – também tentou existir no Brasil? Por que é que o Museu Social, que lá foi uma instituição muito forte, deu certo na Argentina, mas não no Brasil? Por que o Rotary Club dá certo em um pedaço enorme da América Latina, e na França não é conhecida?

⁷ Nessa passagem, Margareth da Silva Pereira faz menção a seus trabalhos sobre essa rede do Rotary Club, dentre os quais podemos destacar as publicações: *Localistas e Cosmopolitas: a Rede do Rotary Club International e os primórdios do Urbanismo no Brasil (1905-1935)* (Pereira, 2011); *Construir cidades, construir homens, construir lugares sociais: Associativismo e urbanismo (1905-1935)* (Pereira, 2016); *Chicago e o caso do Rotary Club* (Pereira, 2016); *Localistas e Cosmopolitas: a Rede do Rotary Club International e os primórdios do Urbanismo no Brasil (1905-1935)* (Pereira, 2009); *Internacionais e Localistas: o Rotary Club e as maneiras de pensar o urbanismo no Brasil (1905-1935)* (Pereira, 2007).

As nebulosas não são apenas constituídas por indivíduos que se deslocam de um lado para o outro, mas por atores que agem a partir de certos pontos. Em outras palavras, podemos mudar de Lisboa para o Porto ou, no meu caso, do Rio de Janeiro para São Paulo, mas essa ação está mais ou menos situada em um certo ambiente intelectual. Por esse motivo, comecei a explorar a noção de nebulosa para além dos movimentos sociais, estendendo o campo de análise aos movimentos culturais, aos movimentos de natureza estética, situados em geografias distintas e com densidades diversas. Essa ideia foi ganhando espessura graças ao convívio com o projeto “Les mots de la ville”, que Christian Topalov tinha implementado e a partir do qual percebi que as nebulosas mobilizavam grupos de indivíduos (com afinidades sociais, urbanas, culturais etc.), formando configurações imprecisas, mas que permitiam, de alguma forma, fazer intuir os seus contornos. Percebi, ainda, que elas mobilizavam visões de mundo, linguagens e vocabulários éticos e estéticos. Quando comecei a “levar os atores sociais a sério”, acabei por observar novas dimensões que, entretanto, emergiam das próprias práticas desses atores.⁸

RF: Como é que esta noção começou a ser aplicada nos seus estudos de história da cidade? E, em última análise, o que é efetivamente uma nebulosa dentro do pensamento urbanístico?

MSP: Quando você me pergunta o que é a nebulosa e como é aplicada, importa precisar que ela não é nem um conceito aplicável, nem um método. Ela é, antes de mais, uma atitude intelectual. Melhor dizendo: ela é um convite a uma atitude intelectual. Primeiramente, ela é a aceitação dessa mobilidade que mencionei anteriormente, dessa movimentação, e, depois, do reconhecimento de que nós, como pesquisadores, estamos sempre fazendo escolhas e provocando certos silenciamentos. Naturalmente porque não é possível falar de tudo, lembrar-se de tudo, ou escrever sobre tudo. Escrevemos sobre aquilo que nos afeta de alguma maneira, que experimentamos ou que presentificamos. É importante compreender a operação que fazemos quando trabalhamos com história e com memória: analisamos, justamente, aquilo que sobreviveu e nos afetou, na qualidade de inteligência sensível; nós trazemos essa experiência para o primeiro plano, constituindo-a, assim, como objeto teórico.

Pouco a pouco, percebi que, na reflexão historiográfica sobre a cultura urbanística, os conceitos eram tão abstratos que não se chegava à noção de bairro, à noção de rua. No entanto, o que eu pretendia era, justamente, compreender desde quando, no Brasil, passamos a utilizar o vocábulo “rua”, “alameda” etc. Por exemplo, como entrou em circulação a expressão “rua direita”? Desde quando? Quando foi que passamos a ter as palavras boulevard, “alameda” e “avenida”? Que sentido demos a esses termos? Desde quando se passou a falar de “estrada” e “rodovia”? Como é que esses “eixos” (vamos dizer assim) de circulação foram introduzidos na nossa linguagem? Mas não somente... Esse não era um trabalho de dicionário, ele incluía o uso social da palavra – como Christian Topalov insistia em nos lembrar. Isso dizia respeito à vida social, à vida cultural e aos seus respectivos vocabulários.

Houve, porém, um segundo salto, que devo a outros autores. Com a leitura de textos de Reinhart Koselleck, a atenção à historicidade dos conceitos e das palavras se firmou ainda mais. É muito útil para quem faz e desfaz nebulosas, ou para aqueles que começam a aceitar esse convite para estudar a ação dos homens em suas diferentes temporalidades. Interpretando-as a partir de seus próprios ritmos e enunciados, respeitando-os. Digo respeitando-os porque o que mais vemos é o autoritarismo, que

⁸ Aqui vale mencionar que sua parceria com o projeto Les mots de la ville que se consolidou em algumas publicações e construção de verbetes, como: A aventura das palavras da cidade através dos tempos, das línguas e das sociedades (Pereira et al., 2014); Jardim [verbete] (Pereira, 2010a); Município [verbete] (Pereira, 2010b); Subúrbio [verbete] (Pereira, 2010c); Le temps des mots: le lexique de la segregation à São Paulo dans les discours de ses reformateurs. 1890-1930 (Pereira, 2002).

a tanto combatemos no plano político, sendo reproduzido, muitas vezes, nos nossos próprios textos. Se procuramos respeitar as fontes, teremos de deixar que as questões emerjam delas. Quem me ajudou muito nessa outra parte, foi, ainda, a obra que nos legou o filósofo e ensaísta português Fernando Gil.

Ele morou em França durante muitos anos, casou-se com uma francesa, foi professor e pesquisador na EHESS (Paris, França). Com o historiador italiano Ruggiero Romano, Fernando Gil fez uma encyclopédia – Encyclopédia Einaudi (Gil, 1985) – que só vocês, portugueses e italianos, poderiam entender. Talvez porque, como vocês não estão nos países que criaram a Encyclopédie (em francês), puderam ser insurgentes, subversivos. A Encyclopédia Einaudi é de uma editora italiana e foi publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em Portugal.

Esses dois autores – Fernando Gil e Ruggiero Romano – ajudaram-me a compreender que as palavras, os conceitos, ou melhor, as noções (termo que nos ajuda a lembrar que o pensamento e o conhecimento que se faz dele estão em movimento) não se constituem de modo autônomo, o que parece ser o caso quando são organizadas em uma sequência alfabética. Podemos dizer que o uso cultural das palavras se evidenciava de uma maneira muito forte. Muitos autores franceses contribuíram para a construção dessa encyclopédia, mas (por incrível que pareça) ela nunca foi traduzida para o francês, embora alguns textos isolados o tenham sido. Na encyclopédia de Gil e de Romano, uma noção se liga a outra pelas ideias associadas que as unem, evidenciando a produção de sentido como uma construção de nexos que se aproximam ou se sustentam uns aos outros, ideologicamente ou como figuras de pensamento. Nela, não existe a palavra isoladamente, os autores trabalham a rede de vocábulos que está sustentando determinada visão de mundo. Essa constatação tem me levado a afirmar que, agora – quando tanto se fala em “descolonização”, em epistemologias Sul-Sul, novas epistemologias, outras epistemologias – vamos acabar por mudar, antes de tudo, parte do nosso vocabulário, porque um outro modo de pensar, exige, muitas vezes, um novo vocabulário.

No projeto “Les mots de la ville”, de Christian Topalov, ao longo de 20 anos, eu presenciei a dificuldade que nós mesmo tínhamos para estabelecer uma conversa entre pesquisadores ingleses, franceses, brasileiros e espanhóis. Inúmeros pesquisadores desistiram desse projeto, porque ele não era linear. Nós tínhamos de construir as interpretações de baixo para cima, aprender a localizar as fontes. Foi por isso que começamos a estudar os dicionários. Por exemplo, até que eu conseguisse explicar, no balcão da Biblioteca Nacional, que eu não queria a edição mais atual de um determinado dicionário e que, ao contrário, eu gostaria de ler todas as edições diferentes, foi uma dificuldade. Porque os atendentes não pensavam que os dicionários pudessem ser fontes de pesquisa.

Christian Topalov chamou a atenção sobre o uso social da palavra, mas os dois outros autores (Gil e Romano) ajudaram a pensar o uso cultural da palavra (o que não é a mesma coisa). Eles ajudaram a pensar, de maneira ainda mais clara, que as palavras funcionam em rede, em rede de sentidos. Elas estão ligadas entre si, pois não conseguimos enunciar, falar, responder sem uma concatenação, um sistema de sinônimos e antônimos, de palavras que se complementam, que se distinguem etc.

Na questão das nebulosas, um terceiro salto foi o fato de começar a explicar (antes de mais nada, explicar para mim mesma) que tudo isso estava relacionado à história da arte e à história da arquitetura. Nesse aspecto, os textos de Hubert Damisch,⁹ sobretudo o seu livro Théorie du nuage: pour une histoire de la peinture (1972), foram muito importantes para mim. Eles me ajudaram a compreender “a nuvem” como

⁹ Margareth da Silva Pereira foi aluna de Hubert Damisch durante seu doutoramento, na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS (Paris).

objeto teórico e, por sua vez, como pensar nebulosas também poderia se tornar uma questão. Eu estou fazendo essa pequena história (que já está longa) para demonstrar como demorou para que eu construísse o pensar nebulosas como objeto teórico.

De certa forma, eu estava usando “a nebulosa” como metáfora. Assim, o último salto já não foi tanto com o Hubert Damisch. Foi sobre o problema da metáfora. Ou melhor, da construção do pensamento a partir dela e de seu uso. Por quê? Porque o conceito não se fecha, e, portanto, é a metáfora, figura de linguagem que permite deixar em aberto, colocar em suspensão o sentido das coisas, dotar esse pensamento de uma pausa reflexiva. Esse foi, de fato, o último salto que eu acho que dei nesses últimos cinco, seis anos.

RF: De forma mais específica, temos buscado repensar a noção de crítica como uma prática transnacional, que vai, precisamente, sofrendo modulações, no tempo e no espaço. A partir de diferentes mecanismos de mediação (como revistas, textos editados, mas também as reuniões globais da UNESCO, por exemplo), estamos interessados em compreender melhor o papel desses media não apenas como veículos de circulação, de informação, ideias e modelos, mas, sobretudo, como “zonas de contato” (Avermaete; Nuijsink, 2021) globais, de troca, interação e conhecimento mútuo.

MSP: Para voltar ao tema proposto, os diálogos transnacionais e a nossa nebulosa, torna-se importante, mais uma vez, procurar o sentido e a historicidade das palavras, pois, nem sempre, as pessoas pensam o uso dos termos a partir da maneira como são produzidas, como respostas a problemas teóricos ou não. Embora muitos autores brasileiros tenham procurado a raiz do termo “transnacional”, nos Estados Unidos, no meu entender, ele surgiu na década de 1980, com o desenvolvimento dos estudos de história da cidade, em alguns círculos europeus e em suas “zonas de contato”, dentre as quais o Brasil. O termo “transnacional” está associado a movimentos mais transversais, que não se circunscrevem ao conceito de nação. O que eu quero dizer? Pode ser que São Paulo tenha muito mais a ver com São Francisco do que com o Rio de Janeiro; por conta do ritmo da imigração – ambas as cidades tiveram crescimentos rápidos a partir do fim do século XIX –, pode ser que, eventualmente, Porto tenha muito mais a ver com Bordeaux do que com Lisboa, e que Lisboa, por sua vez, converse muito melhor com outra cidade. Com isso, quero reforçar que, ao limitar um estudo dentro do recorte nacional, acabamos por estreitar o olhar e perder, porque está fora do foco uma série de outras coisas que talvez fossem mais pertinentes, estimulantes... Temos, por isso, que desconfiar das adjetivações: “cidade barroca” ou “arquitetura portuguesa”. Há de se questionar o excesso dessa prática.

Eu gostei muito da sua ideia de “mecanismos de mediação”. É importante, justamente, sublinhar essas instâncias que auxiliam as mediações, as interações, as fricções, e, por vezes, explicitam os conflitos. Não é por acaso que, do século XIX em diante, percebeu-se ampliar um movimento que atravessa nações, que atravessa culturas. Afinal, pôde-se observar novos mecanismos de mediação: os congressos, os seminários, as revistas e, também, o livro de arquitetura (apesar de a revista ter sido mais ágil nesse processo).

Não podemos nos esquecer também da construção de certas noções cunhadas pelo direito e que ajudaram a organizar movimentos sociais. Nesse âmbito, eu trabalhei uma série de palavras ligadas ao nascimento dos movimentos associativos (Pereira, 2016). O que me movia à época, eram perguntas como: Como é que se gerou a noção de associação e de clube? Quando é que as palavras sindicato, união, mútua, cooperativa entraram no vocabulário? Por vezes, como foi que elas se tornaram figuras do direito e do código civil? Como é que, no Ocidente, foram criadas essas formas, esses atores institucionais – institutos, fundações, por exemplo – que auxiliaram na estabilização das lutas, na difusão de certas visões de mundo? Os “mecanismos de mediação” – para usar o seu vocabulário, Rute – precisam ser valorizados e, dentro destes, importa

distinguir entre aqueles que constrangem e os que, pelo contrário, propulsam, empurram e expandem.

Podemos pensar nas escolas como “mecanismos de mediação”, no entanto, uma determinada escola pode tanto vigiar quanto punir, enquanto outra pode ser libertária. Em Portugal, a Escola da Ponte é uma referência para o mundo inteiro. Ou seja: os mesmos agrupamentos podem servir para cercear, além de outros fins. No caso das revistas de arquitetura, é lógico que a maior parte delas, sobretudo no começo do século XX, foi progressista. No entanto, nós tivemos revistas muito conservadoras no Brasil. Eu estou pensando aqui, por exemplo, em A Casa, que é uma revista que eu tive que folhear recentemente. Ela é uma revista brasileira, da década de 1920, e é muito conservadora. Ao mesmo tempo, mais ou menos na mesma época, temos a revista Forma, que defende um ponto de vista absolutamente distinto.

Quando falamos de revistas de arquitetura, uma outra questão que, para mim, começa a ser grave é pensar sobre a despolitização que acometeu a arquitetura e o urbanismo. Inclusive, acho importante nos perguntar como é que o urbanismo ficou em segundo plano e, ao mesmo tempo, ampliou-se um discurso sobre arquitetura que a afastou da questão política. Assim, esses grupos, instrumentos e ferramentas – não apenas os mecanismos, aqueles a que vocês se referem no título do colóquio (a crítica e as suas mídias) – auxiliaram no processo de mediação e ajudam a compreender o lado em que nos posicionamos no mundo, com quem lutamos, ou com quem potencializamos nossas agendas e aqueles, que, pelo contrário, cerceiam-nos. Torna-se, pois, fundamental estar atento tanto aos mecanismos quanto às ferramentas. Parece-me que a ideia de “zonas de contato” pode ajudar a dar atenção aos processos de contaminação, de hibridação, de mistura. De resto, as revistas são extraordinariamente importantes nesse sentido.

RF: Como essa noção de nebulosa poderá, então, enquadrar esse debate da crítica como uma prática transnacional e esses mecanismos de contato e troca? Poderemos pensar a crítica da arquitetura produzida no pós-guerra como uma prática de corpos moventes – uma nebulosa –, que são, ao mesmo tempo, vincados por especificidades mais perenes?

MSP: Evidentemente, a crítica está ligada ao conceito de crise. A crítica é sempre uma operação de ajuizamento, um termo que costuma ser evitado nos dias de hoje. No entanto, pensar a crítica como uma operação de ajuizamento nos ajuda a abordá-la como um momento lacunar. Ao pensar em nebulosas, é preciso prestar atenção aos momentos lacunares, aos momentos de abismo dos corpos em movimento. É importante interpretar processos e, dentro deles rupturas, afastamentos, interrupções. Isso significa constatar e observar um continuum, um ponto após outro, em uma certa temporalidade, cruzando-os como o que ocorre em outras temporalidades. É nesse ir e vir das interpretações das ações e de seus tempos – isto é de sua cadência e ritmo –, de suas cronologias breves ou não, que se formam e se diferenciam as nuvens. Ou se quiser, formam-se as camadas de nexos e de sentidos que se prolongam, distinguem-se e que parecem se repetir ou estar soltas. Como já citei anteriormente, a nebulosa não é apenas uma noção. Eu não gosto de defini-la como uma imagem muito fixa. Eu gostaria que ela ativasse a imaginação, mais do que fixasse uma forma. As nebulosas têm de ser pensadas como conjuntos de nuvens. Para além de ser uma atitude intelectual, como eu disse há pouco, ela é um coletivo, tal como as palavras alcateia, para se referir a um conjunto de lobos, ou enxame, para as abelhas. Ou seja, nebulosa é um conjunto de nuvens. Uma configuração, possível, provável... A operação crítica dá-se no momento lacunar, porque ela ocorre em instantes de incerteza. Ou seja, ela é sempre uma interrogação, uma dúvida. Significa que o que estava antes não satisfaz e o que vai acontecer depois também não está sob controle. Vamos, então, agindo no abismo, agindo nesse momento abissal, nesse momento lacunar que é a reflexão em

ação. Trata-se da reflexividade, prática que se exige do historiador em relação ao seu objeto de estudo e que vem sendo tematizada por inúmeros autores, desde os anos 1960. Resumidamente, trata-se de se colocar em permanente estado de interrogação. Perguntar-se: Como estamos pensando? Por que, por alguma razão, sentimos que há alguma coisa ali, mesmo que ainda em germe? O que está nos provocando? O que está nos empurrando a perguntar sobre as causas? Perguntas como essas me fazem pensar que a crise pode ter um aspecto positivo. No entanto, devemos ponderar que, no caso brasileiro, vivemos em crise permanente e talvez aqui, no nosso país, seja excessivo.

RF: Essa ideia de “momento lacunar” mina, de alguma forma, uma visão convencional e estática da crítica da arquitetura. Diante dos grandes desafios globais e problemas sistêmicos do início do século XXI, como se situa a ação das novas esferas públicas globais de debate, representação e legitimação da arquitetura – com a crescente presença de bienais, museus e a ubiquidade das publicações digitais – na formulação de respostas e ações críticas? De que forma o conceito de nebulosa, que tem vindo a se desenvolver ao longo das últimas três décadas, permanece operativo (ou é até robustecido) nessas novas esferas de enunciação crítica?

MSP: Eu não sei se tenho respostas para as suas perguntas, Rute! No entanto, você tocou em um ponto muito sensível: as grandes mudanças globais na esfera pública. No Brasil, várias vezes me interrogo sobre quantos séculos são necessários para que uma ideia se torne uma prática. Vamos supor: a abolição da escravatura. Quando me desloco no centro da cidade do Rio de Janeiro, no Largo de São Francisco, no Largo da Carioca, observo cenas parecidas com as de Jean-Baptiste Debret, por volta de 200 anos atrás. Passaram-se cerca de 150 anos desde que a figura social do “pobre” começou a ser tratada como um problema teórico e da esfera pública. Aqui, em Salvador, ando pela cidade e noto que há pessoas dormindo na rua e outras pessoas passando como se elas não existissem. Qual é, portanto, a noção de “indivíduo” e de “pobre” que se construiu nessas culturas citadinas? De uma maneira geral, há mudanças na esfera pública, pois, de uma forma ou de outra, nós não estamos no Ancien Régime. Houve uma democratização, ainda que complexa, ainda que falha, ainda que fruto de 200 anos de luta, talvez 150 ou 100 anos de luta, e mesmo das nossas lutas internas, desde que nascemos. Todos percebemos essas mudanças. Daí o interesse pelo problema do lacunar e do abismo, de aprendermos a agir usando a nossa capacidade reflexiva, usando nossa capacidade de ajuizamento, sem medo de fazê-lo, mas sem saber exatamente qual vai ser o resultado direto. Nesses últimos 200 anos, com a prevalência de uma certa noção de ciência, fomos acostumados a conviver com a ideia de previsão, em todos os sentidos, e a ideia de uma ação progressiva, em flecha (eu ajo e sei onde vai dar). Essa ideia está impregnada nos nossos corpos. Por esse motivo, não sabemos agir à deriva.

Gosto de supor que temos de agir por ensaio. Que temos de regressar ao caráter experimental e ensaístico das coisas. É um ensaio o que nós estamos fazendo neste momento: vamos organizar um colóquio, e qual será a consequência? Como é que a podemos antecipar, prever o que irá acontecer? No que o colóquio irá se transformar após a sua realização? O que vai mudar na jovem Camille¹⁰, que está nos ouvindo? Ou em Natan,¹¹ que também está ouvindo, enquanto trabalha aqui na minha frente, sem que vocês consigam vê-lo. Não sabemos, nem podemos saber. Podemos apenas experimentar e imaginar que o que eu estou fazendo é um mero ato de linguagem, mas não um ato de linguagem ensimesmada (uma palavra da língua portuguesa de

¹⁰ Camille Oliveira, estudante de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista de iniciação científica, que acompanhava a entrevista.

¹¹ Natan Bastos, estudante de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, bolsista de iniciação científica, que também acompanhava a entrevista.

dificílima tradução). Ou seja, isso não é um exercício autocentrado, ele potencialmente afeta as pessoas mesmo que não possamos saber de que maneira, nem em que circunstância ou quando. Aquilo que pensamos e falamos afeta, inevitavelmente, todos aqui reunidos, porque é o resultado de uma reflexão mais extensa, de algo que compartilhamos.

RF: Na sua perspectiva como é que a figura do crítico – situado nas suas constelações sociais, profissionais e conceptuais –, tem evoluído, desde os anos 1960, e alterado as práticas e a escala convencionais de mediação do discurso (como a escrita impressa em publicações periódicas, por exemplo)? Que impacto essas alterações da crítica e do crítico afetam o entendimento da figura do arquiteto e o exercício da arquitetura? Até que ponto as novas agendas sociopolíticas e culturais do crítico têm impacto na promoção de novas ordens de pensamento, tanto no campo profissional quanto no da investigação em arquitetura?

MSP: Concordo, de fato, que essa figura socialmente identificável do crítico deixou de existir! Tenho a convicção de que o crítico não poderá voltar a se colocar em uma posição de autoridade que, no passado, esteve presente, até mesmo em figuras como Bruno Zevi, por exemplo. O clímax de uma certa noção de verdade que atravessa o discurso crítico, ocorre entre as décadas de 1940 e 1960. O crítico (que não era historiador) falava a partir de uma tábula rasa e pensava que a sua perspectiva constituía uma verdade universal. Com efeito, ele não via a si próprio como um sujeito socialmente construído. Por esse motivo, ele acabava até mesmo desqualificando culturas e o seu próprio saber. O crítico, hoje, tem de saber se ele aprende, se ele alerta, se ele chama a atenção (no sentido de interpelação e não de repreensão), tem de construir um campo de humildade que, muitas vezes, nos anos 1950, 1960 e 1970, ele não tinha. Além do mais, o crítico daquela época também não pensava na pluralidade de saberes que hoje sabemos ser fundamental para a estruturação do discurso crítico.

Quando penso no caso de Lucio Costa, como boa figura barroca¹² que ele era, lembro-me dos cortes que desenhava. É perceptível que ele possuía a consciência da incompletude. Ele sabia da necessidade de afirmação, mas também da dúvida. De ação, mas também de hesitação. Em certo momento, talvez, tenha sido mais afirmativo, noutros mais dubitativo, mas olhando para seus desenhos, ele me faz pensar que sabia fazer essa flexibilização na ação. Uma flexibilização que também precisamos fazer como críticos.

Parece-me, na verdade, que criamos, excessivamente, nomes para tudo. Há saberes que não têm nome. Saberes que são práticas exercidas durante séculos, sem que sentíssemos necessidade de as classificar ou arrumar em uma determinada caixinha, edificando-as como “crítico” ou “historiador”. É essa oposição que se percebe, com toda a clareza, entre 1950 e 1968 (vamos dizer assim, para criar um marco fácil). Ou de 1945 ao Team X, em 1954. Podendo estender essa cronologia, talvez, até 1956 ou 1958. Seja como for, esse foi o momento em que se começou a desmontar a figura do crítico. Nos nossos dias, a grande dificuldade será, de forma inversa, compreender quais são os seus contornos. Importa, por isso, discutir e rever as configurações possíveis, aquelas que conseguimos pensar até agora.

PP: Quando marcamos esta entrevista, você havia nos dito que gostaria de abordar leituras sobre a cultura barroca que vêm revisitando por conta de um curso que está preparando. Mesmo intuindo os pontos que você gostaria de atravessar, confesso que fiquei curiosa. Preciso perguntar: como imaginava aproximar uma reflexão sobre a crítica da arquitetura e suas nebulosas de estudos da cultura barroca?

¹² Ao aproximar a ação de Lucio Costa de uma poética barroca, Margareth da Silva Pereira articula questões com as quais já trabalhou em alguns de seus textos, como: *L'utopie et l'histoire: Brasilia entre la certitude de la forme et le doute de l'image* (Pereira, 1992); *Uma arte inocente: Pagus, país, paisagem* (Pereira, 1995); *Corpos escritos: paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca* (Pereira, 2000); *Quadrados Brancos: Lucio Costa e Le Corbusier – Uma noção moderna de história* (Pereira, 2004).

MSP: Isso vai nos desviar dos diálogos transatlânticos! Ou melhor, eles também partem da atenção aos diálogos transatlânticos e da construção de sensibilidades críticas! Como vocês sabem, eu me interesso muito pela cultura no Brasil, complexa como ela é. Uma cultura assimétrica e com as suas lutas internas. A história do Brasil é de uma riqueza enorme, justamente porque precisa ser construída diante de uma experiência violenta de encontros, de desencontros, de relações de domínio e de su-baltermização de mundos. Experiências que aconteceram aos saltos, entremeadas por dúvidas e operando desconstruções de uma série de dogmas. Modos de enfrentamento que acredito serem, ainda, objeto de interesse de nossas reflexões contemporâneas. O meu interesse pelo universo barroco decorre precisamente daí, pois o entendo como uma sensibilidade de crise. O barroco não é um tempo histórico. O barroco não é um estilo. O barroco é um estado crítico.

Vocês sabiam que 20 ou 30 anos antes que Rafael Bluteau (publicado entre 1712-1721) escrevesse em seu dicionário que “barroco” significava uma pedra tosca, Antoine Furetière (1690), que também foi um dicionarista, escreveu um verbete apresentando o “barroco” como uma pedra de joalheria? De partida, percebe-se que estamos diante de um problema de percepção e de fricção na compreensão da história.

Durante esta semana, nas aulas que lecionei, tentei apresentar o processo pelo qual se estabeleceram as classificações da história da arte e da arquitetura. Como se construíram as noções de renascimento, maneirismo, barroco, rococó etc. No caso específico do barroco, busquei debater com os estudantes a maneira como se passa do entendimento de “barroco” como uma pedra valorizada a uma outra, desvalorizada. Indaguei-os: Como se construiu a desvalorização dessa pedra? Como se construiu uma desqualificação de uma prática? Diante dessas perguntas, fui buscando demonstrar como o barroco foi, então, assimilado como um estilo.

À medida que o barroco passou a ter uma conotação negativa, de pedra tosca, culturalmente, pareceu ser importante construir uma espécie de contraponto, uma noção de valor positivo. Assim, vemos nascer a noção de “Renascimento”, que opôs, de uma maneira violenta, ciência e arte. Antes, a prática da ciência exigia imaginação, e, por sua vez, a imaginação também requeria racionalidade. Ou seja, essas ideias não estavam inicialmente dissociadas. No entanto, com a necessidade de se instituir os contrapontos, a razão passou a ser percebida como abstrata e incorpórea, e, do outro lado, construiu-se o reino da imaginação. Estabeleceu-se a oposição entre ciência e arte.

Quando fazemos a história do conceito, torna-se claro que a noção de barroco foi sofrendo sucessivos deslocamentos. O historiador de arte Heinrich Wölfflin, quando escreveu a sua tese em defesa do barroco, o fez a partir da psicologia da arquitetura, dissertando sobre uma prática da arquitetura que não quer ser forma, quer ser experiência; que não quer ser pintura, quer ser imagem; que quer ser alguma coisa que vem, mas cuja presença é percebida quase como um fantasma. Talvez inspirada por Wölfflin, defendendo que deveríamos pensar o barroco como uma cultura porosa.

Nessa atenção fina à experiência, o barroco nos ajuda a redescobrir os corpos. No sentido barroco, corpo é tudo. Por exemplo, quando lemos Salomon de Caus (1615), percebemos que o corpo é o vento. É magnífica a sensibilidade desse autor ao pensar como se canaliza o vento e como se constroem os jardins sonoros. Ele nos leva a perceber aberturas e fechamentos em canais por onde o vento passa, como se fosse uma flauta tocando. É realmente uma maravilha que nós tenhamos chegado ao século XVII com esse grau de reflexão sobre o sensível.

Posso trazer, ainda, outro exemplo: observar a ilustração de uma rosa dos ventos em uma carta náutica portuguesa. Com ela, podemos reconhecer uma racionalidade que tem sensibilidade para sentir 14 ou até 18 direções dos ventos. A rosa dos ventos

desenhadas nas cartas demonstram que existiam corpos com tal sensibilidade que, ao sentirem o vento passando pela pele, pela ponta da orelha ou dos cabelos, sabiam para que lado deveriam articular as velas de uma embarcação. Sabiam dizer se ela iria parar em algum ponto da costa africana ou da costa brasileira.

Nós perdemos esses tipos de conhecimentos. O nosso saber ficou muito compartimentado e a nossa consciência crítica passou a operar a partir do conceito de crença, de verdade, de dogmatismos. Muitas vezes vejo que os nossos próprios alunos (e muitas vezes nós mesmos) reproduzem um vocabulário ou uma atitude sem querer, sem pensar. Afinal, palavras também são coisas que vão entrando pelos poros. No entanto, a cultura barroca, nesse mundo plural, nessa cultura porosa de impregnação dos corpos com outros corpos (luz, som, vento, cidade, floresta, água), faz-me pensar sobre uma possibilidade de enriquecimento mútuo, pois ela tem, mesmo sob o peso de uma discussão religiosa extremamente forte, uma grande subversão. Na experiência que eu chamo de “experiência americana”, creio que possamos identificar um lugar e um momento em que isso se radicaliza. No território habitado por povos nômades na América, durante os séculos XVI e XVII, a questão religiosa é discutida até às suas últimas consequências. Não que essa experiência não existisse no altiplano, não que isso não tenha acontecido também no México, mas, em certas geografias, viveram essa disputa de uma maneira ainda mais radical.

Por conseguinte, a cultura barroca pode nos ensinar muito. Vejo vários traços do que penso sobre essa cultura barroca em outros autores. Anteriormente, eu abordei H. Wölfflin, mas poderia ter citado Eugênio d'Ors ([1935] 1985), ou todos os brasileiros que escreveram sobre o barroco. Em Minas Gerais, temos, por exemplo, Affonso Ávila (1997). Contudo, foi lendo Giulio Carlo Argan (2004) que primeiro comprehendi que o debate instaurado pela cultura barroca não se restringia a uma questão religiosa, mas que se tratava, sobretudo, de um problema ontológico. Uma percepção semelhante, eu vejo reverberar também em Lucio Costa. Percebo na obra dele o seu gosto pelo inacabado, sua capacidade de pensar os problemas da vida como gestos de um estudioso que foi afetado pela sensibilidade barroca. Ou seja, que não tratou ciência e arte como abstrações em oposição, mas que as percebeu dentro de um certo cotidiano. Acredito que tenhamos de lutar para tornar relevante como, depois desses autores, a historiografia e a crítica voltaram a estreitar essas relações.

PP: Se me permite, eu gostaria de voltar a um momento anterior, no qual você articulou conjuntamente as noções de “crise” e “crítica”. Pensá-las juntas me fez lembrar do livro de Reinhart Koselleck, *Crise e crítica: uma contribuição à patogênese do mundo burguês* ([1959] 1999). Ao estudar os debates dos intelectuais que precederam a Revolução Francesa (e de alguma maneira ajudaram a construir uma “conjuntura” propícia a isso), Reinhart Koselleck nos ajuda a perceber o nascimento, quase sincrônico, de quatro operações: do indivíduo que se percebe como ator na sociedade; da construção do seu desejo de liberdade; do sentimento de crise eminentemente moral como mecanismo de controle (para evitar que as outras três operações desencadeiem guerras civis e de religião). Reinhart Koselleck se detém, de maneira mais específica, neste último, o controle. Demonstra como o juízo moral fez com que os indivíduos passassem a projetar seus anseios na maneira de escrever a história – pautada na ideia de progresso – e no modo de enquadrar o futuro – marcado pela utopia. Logo na quarta capa, podemos ler sobre o que chamei de heranças modernas:

A crise política e as respectivas filosofias da história formam um único fenômeno histórico, cuja raiz deve ser procurada no século XVIII. (...) Pertence à natureza da crise que uma decisão esteja pendente, mas ainda não tenha sido tomada. Também reside em sua natureza que a decisão a ser tomada permaneça em aberto. Portanto, a insegurança geral de uma situação crítica é atravessada pela certeza de que, sem que se saiba ao certo quando ou como, o fim do estado crítico se aproxima. A solução possível permanece incerta, mas o próprio fim, a transformação das circunstâncias vigentes – ameaçadora, temida ou desejada –, é certo. A crise invoca a pergunta ao futuro histórico (Koselleck, 1999 [1959]).

MSP: Vai ser útil voltar a Reinhart Koselleck sobre a noção de indivíduo e ator. Essa é uma briga que constantemente preciso enfrentar, não é de agora. Alguns colegas insistem em afirmar que, nas últimas décadas, vivemos um tempo de morte do sujeito, do indivíduo, do “eu”. Entre Barthes e Derrida, repetem-se as mesmas frases contra ou a favor dos usos e abusos das biografias... Mas, por outro lado, observo que não apenas os nomes da maior parte dos autores ainda estão nas capas dos livros, como também há um subjetivismo crescente. Diante do discurso tão forte de Koselleck, pergunto mais uma vez: tudo se dilui e se desmancha em um “eu” anônimo e coletivo? Pergunto, porque existe um problema relativo a essa ideia de ajuizamento e de insegurança que envolve a crise e a crítica diante da ideia de morte do sujeito e que nós, na área de arquitetura e urbanismo, não resolvemos, ou melhor, não sabemos como enfrentar. No entanto, será que alguém sabe? Na verdade, essa dificuldade não é somente nossa, mas também de algumas outras áreas. É como se, para brigar contra uma ideia de autoritarismo – dos críticos, dos arquitetos, dos urbanistas –, fosse necessário matar os sujeitos e todas as suas construções. No entanto, o que parece necessário não é apontar o lado negativo deles. Isso é fácil. A tarefa mais difícil, porém, e necessária, é ver neles o que eles nos ajudaram a pensar. Essa tarefa é importante para que mantenhamos a ideia de liberdade como uma abertura, como um desvio possível que nasce na operação crítica, e para que possamos exercê-la e ampliá-la. Ou seja, o que se deveria querer matar é o autoritarismo (praticado por muitos sujeitos), mas sem perder a ideia de que talvez o que define os sujeitos, antes de tudo, seja a sua insistência em manter-se como cultura. Em suma, é tirá-lo de sua prepotência e, diluindo-o, recolocá-lo no interior da história. Afinal, se a natureza do sujeito é ser cultura, ser cultura é ser crítico.

PP: Suas palavras, Margareth, – sobretudo a maneira como nos convidou a pensar por nebulosas, a agir por ensaio e a definir a crítica como momento lacunar – fizeram-me refletir sobre a permanente atenção que precisamos ter ao lidar com nossas heranças modernas (no sentido alargado do termo). Assim como os textos de Françoise Choay (que nos apresentou aos textos de Alberti sobre De Re Aedificatoria como um contraponto à Utopia, de Thomas More), parece-me que suas palavras nos convidam a considerar perspectivas não modelares (não utópicas) de praticar a crítica. Ou seja, de examinar reflexivamente sobre o que chega aos nossos dias. Diferentemente do que Reinhart Koselleck pôde perceber na Revolução Francesa, ajuda-nos pensar a crítica como um agir no presente.

Referências

- ARGAN, G. C. **Imagem e persuasão**: ensaios sobre o barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- AVERMAETE, T.; NUIJSINK, C. Architectural Contact Zones: Another Way to Write Global Histories of the Post-War Period? **Architectural Theory Review**, v. 25, n. 3, 2021, p. 350-361. Available at: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13264826.2021.1939745>. Access on: Jan. 12, 2023.
- ÁVILA, A. **Barroco**: teoria e análise. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BOURDIEU, P. **The Field of Cultural Production**. Nova York: Columbia University Press, 1993.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAUS, S. de. **Les raisons des forces mouvantes avec diverses machines tant utiles que plaisantes** (Ed. 1615). Paris: Hachette Livre Bnf, 2022.
- CHOAY, F. **A regra e o modelo [1980]**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- DAMISCH, H. **Théorie du nuage**: pour une histoire de la peinture. Paris: Le Seuil, 1972.
- D'ARC, H. R. A circulação das ideias (França-Brasil). [Interview given to] Anete Brito Leal Ivo. **Caderno CRH**. [S. l.], v. 33, 2020, p. 1-19. Available at: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v33i0.38726>. Access on: Nov. 13, 2022.
- D'ORS, E. **Du Baroque [1935]**. Paris: Gallimard, 1985.
- FURETIÈRE, A. **Dictionnaire universel contenant généralement tous les mots français tant vieux que modernes et les termes de toutes les sciences et des arts**. Haia-Rotterdam: Arnout et Reinier Leers, 1690.
- GIL, F. (coord.) **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.
- HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOSELLECK, R. **Crise e crítica**: uma contribuição à patogênese do mundo burguês [1959]. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, R. **Critique and Crisis**: Enlightenment and the Pathogenesis of Modern Society [1959]. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.
- LEPETIT, B. A história leva os atores a sério? In: LEPETIT, B.; SALGUEIRO, H. A. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 227-244.
- LEPETIT, B. **L'histoire prend-elle les acteurs au sérieux?** Espaces Temps. v. 59-61, 1995, p. 112-122.
- PEREIRA, M. da S. Construir cidades, construir homens, construir lugares sociais: associativismo e urbanismo (1905-1935). Chicago e o caso do Rotary Club. In: ENANPARQ, 4, 2016, Porto Alegre. **Anais...**, Estado da Arte. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2016.
- PEREIRA, M. da S. Corpos escritos. Paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, 2000, p. 98-113.
- PEREIRA, M. da S. Nebulosa. In: JACQUES, P. B. et al. (orgs.). **Laboratório urbano**: pequeno léxico teórico-metodológico. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 261-274.

PEREIRA, M. da S. O rumor das narrativas: A história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico – notas para uma avaliação. **Redobra**, ano 5, n. 13. 2014, p. 201-247. Available at: <http://www.redobra.ufba.br/?pageid=193>. Accessed on: Ago. 17, 2024.

PEREIRA, M. da S.; JACQUES, P. B.; CERASOLI, J. (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico:** modos de narrar. Tomo III. Salvador: EDUFBA, 2020.

PEREIRA, M. da S.; JACQUES, P. B. (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico:** modos de pensar. Tomo I. Salvador: UFBA, 2018.

PEREIRA, M. da S.; JACQUES, P. B. (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico:** modos de fazer. Tomo II. Salvador: UFBA, 2019.

PEREIRA, M. da S. Internacionais e localistas: o Rotary Club e as maneiras de pensar o urbanismo no Brasil (1905-1935). In: Encontro Nacional da ANPUR, 12., 2007, Belém. **Anais...**, v. 1, 2007, p. 12-14.

PEREIRA, M. da S. Le temps des mots: le lexique de la segregation à São Paulo dans les discours de ses reformateurs (1890-1930). In: TOPALOV, C. (org.). **Les divisions de la ville.** Paris: UNESCO – Maison des Sciences de L'homme, 2002, p. 255-290.

PEREIRA, M. da S. Localistas e cosmopolitas: a Rede do Rotary Club Internacional e os primórdios do urbanismo no Brasil (1905-1935). In: Congresso Internacional de História Urbana, 2., 2009, Campinas. **Anais...**, 2009.

PEREIRA, M. da S. Localistas e cosmopolitas: a Rede do Rotary Club Internacional e os primórdios do urbanismo no Brasil (1905-1935). **Oculum Ensaios** (PUCCAMP), n. 13, 2011, p. 1212-1231.

PEREIRA, M. da S. L'utopie et l'histoire: Brasília, entre la certitude de la forme et le doute de l'image. In: SAYAG, A. (org.). **L'Art de l'Amerique Latine. Paris:** Centre Georges Pompidou, 1992.

PEREIRA, M. S. Nebulosa. In: JACQUES, P. B.; ALMEIDA JR., D.; QUEIROZ, I.; IZELLI, R. (org.). **Laboratório urbano:** pequeno léxico teórico-metodológico. Salvador: EDUFBA, 2022. p.261-274.

PEREIRA, M. da S. O rumor das narrativas: a história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico. Notas para uma avaliação. **REDOBRA**, v. 13, 2014, p. 201-247.

PEREIRA, M. da S. Quadrados brancos: Lucio Costa e Le Corbusier – Uma noção moderna de historia. In: NOBRE, A. L. et al. (org.). **Lucio Costa:** um modo de ser moderno. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PEREIRA, M. da S. Uma arte inocente: Pagus, país, paisagem. **Projeto**, São Paulo, v. 186, 1995.

TOPALOV, C. (dir.). **Laboratoires du nouveau siècle:** la nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France (1880-1914). Paris: Editions de l'EHESS, 1999.

TOPALOV, C.; LILLE, L. C.; BRESCIANI, S.; D'ARC, H. R. **A aventura das palavras da cidade através dos tempos, das línguas e das sociedades.** 1. ed. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

TOPALOV, C.; PEREIRA, M. da S. Jardim. In: TOPALOV, C. et al. (org.). **L'aventure des mots de la ville.** Paris: Robert Laffont, 2010, p. 627-632.

TOPALOV, C.; PEREIRA, M. da S. Município. In: TOPALOV, C. et al. (org.). **L'aventure des mots de la ville.** Paris: Robert Laffont, 2010, p. 801-806.

TOPALOV, C.; PEREIRA, M. da S. Subúrbio. In: TOPALOV, C. et al. (org.). **L'aventure des mots de la ville. Paris:** Robert Laffont, 2010, p. 1201-1206.

WÖLFFLIN, H. **Prolégomènes à une psychologie de l'architecture [1886].** Paris: Ed. de La Villette, 2005.

WÖLFFLIN, H. **Renascença e barroco [1888].** São Paulo: Perspectiva, 2010.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (**ISSN 2675-0392**) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 05/11/2024

Aprovado em 27/11/2024